



Desafios da formação docente

Com 460 trabalhos inscritos e mais de 700 participantes, o IX Congresso Estadual de Formação de Professores debateu a articulação entre o conhecimento didático, técnico e prático, novos métodos e tecnologias de ensino e aproximação dos cursos de licenciatura da realidade escolar, entre outras questões

Págs. 8 e 9



UNESP mais próxima do setor empresarial

Lançamento do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) auxiliará docentes a direcionar pesquisas para setor produtivo, incentivando a geração de novas tecnologias e a propriedade intelectual

Pág. 3

Editor de Harvard critica produtivismo acadêmico

Pág. 5



Imigração japonesa é tema de encontro

Pág. 7



A difícil condição da crítica de arte

Saudosista, eu?

PAULO MOTTA

Estava me lembrando dos tempos em que ia para a sala de aula carregando pastas abarrotadas de textos, livros, uma caixinha cheia de giz e um apagador. Velhos tempos! Eram tempos ingênuos, onde sentíamos certo orgulho por termos alcançado o status de professor.

Atualmente, carregamos um pendrive no bolso com toda nossa produção intelectual, que armazenamos em nosso computador. Colocamos os textos na Internet, pesquisamos pela web; no caso do ensino a distância, por exemplo, conversamos com o aluno por e-mail, etc, etc.

Antes do advento da Internet, na primeira conversa que tínhamos com os alunos, geralmente aconteciam as apresentações costumeiras, quando descobríamos de onde o estudante vinha, cidade, família, interesses, perspectivas. Atualmente, tal interação se dá pela troca de endereços eletrônicos, página no Orkut, MSN, entre outras formas.

A maioria de nossos alunos chega trazendo um bom conhecimento das novas tecnologias. Já trabalhamos com a geração que teve a Xuxa como babá. Agora temos a geração que demonstra muita intimidade com as novas tecnologias, pois lida com elas desde tenra idade.

Ao entrar em contato com as novas tecnologias, surpreendia-me constantemente. Isso para ser condescendente. Na realidade, ficava assustado mesmo, tanto perante a sua eficácia, quanto pela sua dimensão.

A dimensão da Internet, por exemplo, é algo assustador. Ela é tão grande quanto desordenada. Segundo a professora Beatriz Cedón, da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), existem mais de um bilhão de páginas HTML (em 1994 eram dez mil). E isso foi dito em 2001. Como aproveitar tanta novidade para nos auxiliar no desenvolvimento de nossas atividades docentes? Ao enveredar por tais caminhos, descobri o Orkut e o MSN.

O MSN Messenger é um programa de "chat" ou "bate-papo", como é conhecido na Internet, criado pela

Microsoft. Um usuário desse programa com uma "lista de amigos" ou "contatos", ao conectar-se, será informado pelo próprio sistema sobre quem está em rede naquele momento, recebendo uma série de opções de interação com aquelas pessoas, desde uma conversa on-line e em tempo real até a troca de arquivos.

O Orkut é uma rede social cujos membros criam uma página pessoal e se vinculam a seus conhecidos que também sejam membros, criando uma rede de amigos. O sistema funciona assim: para ser um membro, você precisa receber em seu e-mail um convite de alguém que já seja membro. No caso, o primeiro membro do Orkut foi seu criador, Orkut Buyukkokten, estudante americano de origem turca. Ele convidou seus amigos, que foram convidando outras pessoas, até atingir as proporções atuais.

No site, a pessoa cria seu perfil com foto e dados pessoais – nome, sexo, idade, endereço de e-mail, entre outros. Sendo um membro, você pode procurar por amigos ou "comunidades". As comunidades são páginas dedicadas a uma causa, idéia, personagem ou qualquer outra coisa que possa atrair membros. Devido à enorme procura e aceitação

O uso de novas tecnologias deve ser incentivado pelo docente, com bom senso e coerência com a ética

dos brasileiros, a página, originalmente em inglês, agora tem sua versão em português, facilitando o acesso das pessoas que não dominam o idioma original dessa rede.

A maioria dos internautas possui uma página no Orkut e um endereço de MSN. O MSN tornou-se muito comum entre os jovens, a ponto de certos adolescentes se despedirem combinando um reencontro, mais tarde, no MSN.

O Orkut nos parece mais uma coluna de acontecimentos sociais, onde os "orkuteiros" descobrem



K4 (C31), Ingo Günther

datas de aniversário, podem ver fotos de amigos ou festas e ficam sabendo onde vai "rolar a balada". Já o MSN é diferente. É um instrumento dinâmico, onde a interlocução acontece no ritmo da digitação.

Poderíamos dizer que o Orkut é a fotografia do jovem, pois ali ele mesmo se descreve, tanto física como emocionalmente. Já o MSN seria o jovem "ao vivo", com a vantagem de estar fisicamente protegido pela máquina, o que, em algumas situações e para determinadas pessoas, é um facilitador de relacionamentos.

O uso das novas tecnologias deve ser incentivado e adotado sempre que possível, e sua utilização deve

ser feita com critérios de bom senso e coerência com a ética que deve permeiar toda e qualquer relação, mesmo sendo uma relação mediada pela máquina.

O uso de tais instrumentos para o trabalho com jovens é muito pertinente, pois esse segmento populacional tem bastante intimidade com os programas operacionais. Porém, torna-se imperativo dizer para todo profissional que utiliza as novas tecnologias em suas atividades que siga as orientações de seus respectivos Conselhos quanto ao uso e serviços disponíveis na Internet. Na ausência de regulamentação ou orientação, que use o bom senso e a coerência, sem perder a dimensão do humano.

Paulo Motta é psicólogo e docente do Departamento de Psicologia Evolutiva da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis. É membro do Núcleo de Orientação Profissional da unidade e coordena um serviço de orientação profissional oferecido pela Internet. O endereço no MSN é <orientacaovoc@hotmail.com>. No Orkut, o endereço da comunidade é www.orkut.com/community.asp?cmm=4431131

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Marcos Macari

Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento:

Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Pró-reitor de Administração: Julio Cezar Durigan

Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo

Pró-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho

Pró-reitor de Pesquisa: José Arana Varela

Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge

Secretário-geral: Maria Dalva Silva Pagotto

Chefe de Gabinete: Kléber Tomás Resende

Assessoria de Informática: Alberto Antonio de Souza

Procuradoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral

Assessoria de Relações Externas: Elisabeth Criscuolo Urbinati

Diretores/Coordenadores-executivos das Unidades

Universitárias: Pedro Felício Estrada Bemabé (FO-Araçatuba),

Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araçatuba), Rosemary

Adriana Chiéri Marcantonio (FO-Araçatuba), Cláudio

Benedito Gomide de Souza (FCL-Araçatuba), Maysa Furlan

(IQ-Araçatuba), Antonio Celso Ferreira (FCL-Assis), Antonio

Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro

(FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Leonardo Theodoro

Büll (FCA-Botucatu), Sérgio Swain Müller (FM-Botucatu), Maria

de Lourdes Mendes Vicentini Paulino (IB-Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-Botucatu), Mário de Beni Arrigoni (Dracena), Ivan Aparecido Manoel (FHDSS-Franca), Tânia C. A. M. de Azevedo (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), Raul José da Silva Girio (FAV-Jaboticabal), Tullo Vigevani (FFC-Marília), Paulo Fernando Cirino Mourão (Ourinhos), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Hugo Benez (Registro), Luiz Carlos Santana (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Rosângela Custódio Cortez Thomaz (Rosanã), Carlos Roberto Ceron (Ibilce-São José do Rio Preto), José Roberto Rodrigues (FO-São José dos Campos), João Cardoso Palma Filho (IA-São Paulo) e Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba) e Elias José Simon (Tupã).



Governador: José Serra

SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR

Secretário: Carlos Vogt

Jornalunesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - Diário 2007 - Ano 205 - Nº 227

Assessor-chefe: Maurício Tuffani

Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio

Editor: André Louzas

Redação: Dênio Maués, Genira Chagas e Julio Zanella

Programação Visual: J&I Artes Gráficas

Colaboraram nesta edição: Eliana Assumpção e Noélia Ipê (fotografia); Cinthia Leone (texto); Daniel Patire e Danilo Koga (texto e fotografia)

Produção: Mara Regina Marcato

Revisão: Maria Luíza Simões

Versão on-line: Paulo Rocha

Tiragem: 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI).

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-905, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.

Home page: <http://www.unesp.br/jornal/>

Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.



UNESP lança Núcleo de Inovação Tecnológica

NIT deverá proteger resultado de pesquisas e garantir transferência do conhecimento a empresas

Nascido oficialmente no dia 24 de setembro, o Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da UNESP já se coloca como um importante canal entre a Universidade e o setor produtivo. Ele tem como objetivo principal formular e depositar os pedidos de proteção intelectual dos resultados de pesquisas e transferir o conhecimento gerado no meio acadêmico para as empresas. O lançamento do Núcleo ocorreu durante o I Simpósio UNESP de Inovação Tecnológica, em São Paulo.

No evento, o reitor Marcos Macari argumentou que, há 15 anos, dificilmente uma universidade pública discutiria a implantação de uma proposta como a do NIT. "Contudo, a criação do NIT-UNESP foi tema de debates dos órgãos colegiados da nossa instituição, que, convencidos da necessidade de modernização do processo e da proteção da propriedade intelectual, aprovaram o Núcleo", ressaltou. (Veja o quadro.)

Institucionalizado pela Resolução in-

terna nº 44, de 20 de julho deste ano, o NIT-UNESP desempenhará o papel de indutor, entre docentes e pesquisadores, da necessidade de proteção do conhecimento tecnológico. Além disso, analisará e depositará os pedidos de patente a ele submetidos e, ainda, negociará e licenciará as patentes para as empresas.

O Núcleo está alocado na Pró-Reitoria de Pesquisa (Prope) e será gerido por um Conselho de Gestão presidido pelo reitor e composto por membros da Universidade e outras instituições. Já a administração dos seus recursos fica a cargo da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp).

Para o pró-reitor de Pesquisa, José Arana Varela, o Núcleo representa um novo



Fabiola e Varela: Núcleo é mais um serviço prestado à sociedade

paradigma na Universidade, no tocante à transferência de conhecimento para o setor produtivo. "O objetivo principal da criação do NIT não é tornar a pesquisa da

Universidade auto-suficiente por meio de recursos conseguidos com a transferência de tecnologia", explica o pró-reitor. "Trata-se de mais um serviço que a Universidade prestará à sociedade, com vistas a facilitar a inovação tecnológica nas empresas e a conseqüente geração de riquezas para o País."

Estrutura e ações

As ações do NIT ficarão a cargo da gerente-executiva Fabiola Spiandorello e do assessor-jurídico Leopoldo Campos Zuaneti. Apesar de ter sido lançado oficialmente no evento, o NIT já está envolvido em cinco

projetos de transferência de tecnologia e depósito de patente. "Trabalhamos na formalização dos contratos de parceria entre a UNESP e as empresas para o desenvolvimento desses projetos", esclarece Fabiola. "Dentre eles, quatro encontram-se assinados." (Veja tabela.)

Entre as pesquisas já relacionadas ao Núcleo, está o trabalho da professora Eli-diane Rangel, do câmpus de Sorocaba. "Após sermos procurados pela empresa e realizarmos os estudos de viabilidade, não sabíamos como formatar o contrato de parceria", relata Eli-diane. "O NIT atuou como um facilitador nesse processo, tanto na negociação com a indústria, quanto para redigir o contrato dentro dos parâmetros jurídicos."

A página do NIT na Internet (www.unesp.br/nit) traz uma série de informações sobre legislação e temas ligados à inovação tecnológica e ao empreendedorismo. O site funcionará também como um banco de dados das tecnologias produzidas na universidade, além de pesquisadores que tenham trabalhos desenvolvidos nessa área.

Daniel Patire

Projetos em andamento

Projeto - Área	Autores	Unidades	Empresas parceiras
Desenvolvimento de fitoterápico ansiolítico	Vanderlan da Silva Bolzani e Ricardo Luiz Nunes de Souza	Instituto de Química (IQ) e Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF), câmpus de Araraquara	Apsen Farmacêutica
Extrato de antioxidante natural aplicável na formulação de cosméticos	Vanderlan da Silva Bolzani	IQ/Araraquara	Natura Cosméticos S.A.
Modernização de processo no tratamento de superfícies de materiais com nanotecnologia	Elidiane Rangel, Nilson Cruz, Steven Durrant e José Roberto Bortoleto	Câmpus de Sorocaba	Sabó Ind. e Com. de Autopeças Ltda.
Biopesticida derivado da sacarose de cana-de-açúcar e óleo de soja	Maurício Boscolo	Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto	Technes Agrícola Ltda.
Medicamento com liberação controlada de ativos anti-hipertensivos, com nanotecnologia	Élson Longo e Maria Valnice Boldrin	IQ/ Araraquara	Centro Cerâmico do Brasil, grupo EMS, Instituto Internacional de Pesquisas Farmacêuticas, Finep (Financiadora de Estudos e Projetos)

Simpósio debate relação com setor produtivo

Organizado pela Prope, o I Simpósio UNESP de Inovação Tecnológica debateu temas relativos à propriedade intelectual e ao papel da universidade na geração de riqueza e transferência do conhecimento. O evento foi realizado no anfiteatro do Novotel Jaraguá, na capital paulista, nos dias 24 e 25 de setembro.

Entre as autoridades presentes estavam Marco Antonio Zago, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Fernando de Nialander Ribeiro, diretor da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos); Carlos Henrique Brito Cruz, diretor científico da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo); Sílvio Crestana, presidente nacional da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária); Lucia Fernandes, diretora do Inpi (Instituto Nacional de Propriedade Intelectual); Américo Martins Craveiro, vice-presidente da Anpep (Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras); João Meidanis, proprietário da empresa Scylla-Bioinformática; e Eliezer Barreiro, coordenador do Institu-



Marilza, Zago, Macari e Varela: reflexão sobre geração e transferência do conhecimento

to do Milênio - Inovação e Desenvolvimento de Fármacos e Medicamentos.

Segundo Zago, a implantação de agências e núcleos voltados para a inovação tecnológica é uma tarefa assumida pelas universidades no mundo contemporâneo. "A criação dessas agências marca a evolução das instituições estaduais de ensino superior paulistas", disse. O presidente do CNPq participou da mesa de abertura, com o reitor da UNESP, Marcos Macari; o vice-reitor Herman Jacobus Cornelis Voorwald; os pró-reitores de Pesquisa, José

Arana Varela, e Pós-Graduação, Marilza Vieira Cunha Rudge; além da assessora da Prope, Vanderlan da Silva Bolzani.

Situação no Brasil

Zago integrou também a primeira mesa de debates, que discutiu a questão da formação de recursos humanos, propriedade intelectual e divulgação do conhecimento. Com ele, debateram Ribeiro, da Finep, Brito Cruz, da Fapesp, e Lucia Fernandes, do Inpi.

Para os participantes, o Brasil apresenta uma característica diferente dos países de-

envolvidos, em que a inovação tecnológica e P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) são feitos nos laboratórios das empresas. "Quem faz pesquisa no Brasil é a universidade, o que indica o baixo número de patentes. Em números, o Brasil representa 1,8% da produção científica e apenas 0,2% do número de pedidos de patentes geradas no mundo", comentou Cruz.

Para discutir a relação entre pesquisa acadêmica e propriedade intelectual no contexto do desenvolvimento tecnológico nacional, a segunda mesa, coordenada pela professora Vanderlan, teve a participação de Craveiro, da Anpep; Crestana, da Embrapa; do empresário Meidanis; Barreiro, do Instituto do Milênio; além do professor Elson Longo, do Instituto de Química, câmpus de Araraquara.

Os debatedores falaram da importância do sigilo dos resultados das pesquisas para as empresas. Contudo, segundo eles, esse sigilo não contraria a exigência da publicação de artigos por parte dos pesquisadores das Universidades, sendo necessário apenas determinar o tempo adequado entre a proteção intelectual e a publicação.

(D.P.)

BIOQUÍMICA

Técnica mede metais pesados na água

Solução aprimora análise de contaminação de rios e lagos por substâncias como alumínio e chumbo

A medição do nível de contaminação por metais pesados em rios e lagos no Brasil ficará mais fácil, prática e precisa. Pesquisadores do Centro de Estudos Ambientais (CEA), unidade complementar da UNESP instalada no campus de Rio Claro, estão desenvolvendo uma técnica que permite determinar diretamente no ambiente a quantidade de substâncias como cobre, alumínio, zinco, ferro, manganês, chumbo e cromo que podem estar presentes nas águas, por causa de atividades industriais, agrícolas ou de garimpo. Além disso, a tecnologia determina a fração dos metais potencialmente biodisponíveis, ou seja, passíveis de absorção pelos seres vivos.

“É uma tecnologia que visa detectar de forma mais precisa as condições ambientais através do nível e do tipo de contaminação dos rios por metais e suas consequências para os organismos vivos”, declara Roberto Naves, diretor do CEA. Criado na Inglaterra, o DGT, sigla em inglês que significa Gradiente de Difusão em Filmes Finos, envolve um suporte de PVC do tamanho de uma tampa de garrafa, com um filtro e um gel que concentra e retém o metal pesado que se quer identificar. Depois, o material é analisado em laboratório por um equipamento chamado espectrômetro de emissão atômica.

No método tradicional, as amostras de água são coletadas e transportadas para o laboratório, para só então serem mensuradas e analisadas. Durante o transporte podem ocorrer alterações que modificam os resultados finais, principalmente a fração de metais biodisponíveis. “No caso do DGT, essas alterações não ocorrem, o que

torna os resultados muito mais confiáveis”, afirma Ana Luiza Brossi-Garcia, vice-diretora do CEA e integrante do grupo de pesquisa Biometal, credenciado pelo CNPq.

Durante dois anos, os pesquisadores adaptaram o uso do DGT para água doce. “Como a técnica foi concebida para águas marinhas, nos dedicamos a descobrir alternativas para ajustar as análises às condições dos rios brasileiros”, relata o pesquisador Amaury Menegário. Em seu doutora-



Daniel Poitine

do, Paulo Sérgio Tonello utilizou a técnica para determinar a quantidade de alumínio e cobre em amostras de rios brasileiros com altos teores de matéria orgânica. Para as análises em águas com o pH mais baixo (com maior acidez), como na Bacia Amazônica, por exemplo, foi criado um gel à base de levedura usada como fermento nas padarias.

Bacia Amazônica

A partir de uma parceria entre o CEA-UNESP e a Coordenação de Pesquisas em Clima e Recursos Hídricos (CPCRH) do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), a técnica está sendo utilizada experimentalmente em rios da bacia Amazônica. “O estudo permitirá avaliar com mais precisão a degradação das águas de superfície da Bacia Amazônica”, disse Naves. A tecnologia poderá também ser utilizada para avaliar o impacto da construção das hidrelétricas do Rio Madeira, consideradas barreiras naturais para retenção de metais pesados.

Em São Paulo, o experimento está sendo desenvolvido na Bacia do Rio Corumbataí. Já existem informações em relação aos níveis de metais pesados nessa região, porém, não se conhece a proporção de metais potencialmente biodisponíveis. “Estes dados são essenciais para o diagnóstico preciso das condições ambientais da região e o controle de poluição por metais pesados”, acrescenta Menegário.

Julio Zanella

Acima, Ana Luiza, Menegário e Naves (da esq. para a dir.): equipe adaptou equipamento inglês às condições brasileiras e realizou levantamentos até mesmo na Bacia Amazônica (abaixo, Menegário e Ana Luiza num trabalho de campo)



Divulgação

PRESERVAÇÃO

Biólogo propõe proteção legal a estradas-parque

Doutorado defende que modalidade de rodovia seja incluída entre Unidades de Conservação do País

Preocupado com a preservação do ambiente em torno das estradas-parque, o biólogo Afrânio José Soriano Soares, docente do campus de Registro, propõe em seu doutorado que elas sejam legalmente definidas como Unidades de Conservação (UC). O especialista também sugere uma outra classificação para vários tipos de vias hoje incluídas nessa categoria. Defendido no Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), campus de Rio Claro, o estudo teve a orientação das docentes Iandara A. Mendes, do IGCE, e Maria Inez Pagani, do Instituto de Biociências (IB).

Embora ressalte que não há uma definição oficial unificada sobre estradas-parque, Soares afirma que elas geralmente se referem a rodovias que causam o mínimo impacto ambiental e passam por áreas protegidas e de grande beleza, onde se realizam atividades de lazer e se pode apreciar a paisagem.

Segundo o docente, o Brasil possui 24 estradas-parque, mas nenhuma possui um plano de manejo ou administração local. “A falta de planos de manejo já denuncia a precariedade de sua existência como instrumento de conservação da natureza”, afirma Soares, assinalando que muitas rodovias que examinou, com exceção de alguns aspectos turísticos e paisagísticos, não se configuram como UCs.

O biólogo analisou experiências na área e também a legislação ambiental, principalmente a relacionada ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC – Lei nº 8.950/2000). De acordo com Soares, o SNUC prevê cinco categorias de proteção integral – Parque Nacional, Reserva Biológica, Monumento Natural, Estação Ecológica e Refúgio de Vida Silvestre – e outras sete categorias de uso sustentável dos recursos: Reserva Extrativista, Reserva de Desenvolvimento Sustentável, Reserva Particular do Patrimônio Natural, Floresta Nacional, Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico e Reserva de Fauna.

No entanto, não está prevista na lei a categoria estrada-parque. Segundo o biólogo, no País, somente os Estados de



Fotos Divulgação

Soares sugere nova classificação para vários tipos de vias, como a Estrada da Graciosa, no Paraná

Mato Grosso, Tocantins, Rio Grande do Sul e Amazonas prevêem essa modalidade de via em seus Sistemas Estaduais, “mesmo assim, de modo precário”.

Definição

Soares concebe a estrada-parque como uma “Unidade de Conservação de grande beleza cênica, cujo formato e dimensão são definidos

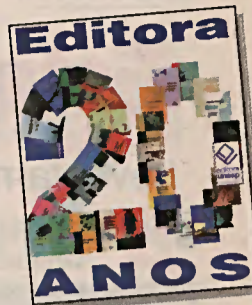
pela percepção das paisagens naturais e culturais a serem protegidas”. Essa definição se fundamenta na presença de uma estrada, destinada à recreação e ao lazer ao longo de seu traçado, “e também como forma de promover a integração homem-natureza e o desenvolvimento sustentável da região de sua influência”.

Ele propõe, ainda, a existência de mais três categorias: a Estrada Ecológica, localizada em um parque ou no seu entorno; a Estrada Turística, relacionada a uma temática específica, como o vinho; e a Estrada Cênica, que cruza regiões de grande beleza. Como exemplo de Estrada Ecológica, o docente cita a Estrada da Graciosa, que não é considerada uma UC, mesmo situando-se no entorno do Parque Estadual do Pico do Marumbi e de uma Área de Proteção Ambiental. “A falta de normas tem possibilitado a construção de estradas denominadas estradas-parque em áreas em que dificilmente seriam autorizadas se fosse seguida a legislação ambiental”, comenta.

Genira Chagas



Editor reprovava produção acadêmica dos EUA



Lindsay Waters, numa palestra em comemoração pelos 20 anos da Editora UNESP, afirma que docentes são estimulados a publicar o maior número possível de trabalhos, em prejuízo da qualidade das obras

Entre as comemorações por seus 20 anos de atividade, a Editora UNESP promoveu, em São Paulo, no dia 11 de outubro, uma palestra de Lindsay Waters, editor-executivo da área de Humanidades da Harvard University Press, uma das mais conceituadas editoras universitárias norte-americanas. Waters é autor do livro *Inimigos da esperança* – publicado no Brasil pela Editora UNESP –, que causou polêmica ao questionar a qualidade dos títulos científicos publicados nos Estados Unidos. (Leia quadro.)

Fotos: Daniel Poirine



Participaram do evento o diretor científico da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), Carlos Henrique de Brito Cruz, e o vice-reitor da UNESP, Hermann Jacobus Cornelis Voorwald, além do diretor-presidente e do diretor-executivo da Editora, respectivamente, José Castilho Marques Neto e Jézio Hernani Bomfim Gutierrez.

Na palestra, Waters destacou que o sistema universitário de seu país enfrenta uma crise provocada pela hegemonia dos critérios quantitativos na avaliação do desempenho dos docentes. “As universidades cada vez mais confiam no número de publicações e os professores só têm valor se publicarem livros ou artigos”, afirmou, destacando que essa tendência leva ao enfraquecimento do debate acadêmico. (Leia entrevista abaixo.)

O debate no Brasil

Brito Cruz assinalou que o ensino superior do Brasil também discute pouco sua identidade e função social. O dirigente da Fapesp apontou, ainda, problemas resultantes da ênfase na pro-

dução quantitativa na comunidade universitária. “Hoje, os departamentos costumam ter suas próprias publicações, o que é uma maneira de inflacionar as publicações docentes”, comentou.

Após parabenizar a Editora pelo evento, o professor Voorwald destacou que a avaliação é um tema muito discutido no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (Cepe) da UNESP. O vice-reitor afirmou que hoje a sociedade espera que o docente tenha um desempenho de padrão internacional. “Precisamos estar envolvidos em atividades de extensão e inclusão, além



Público acompanhou palestra de Waters, na mesa com Brito Cruz, Voorwald, Castilho e Gutierrez (da esq. para a dir.): para o autor do livro *Inimigos da esperança*, ênfase na quantidade levou sistema universitário a uma crise em seu País

das tarefas de educação e pesquisa”, concluiu.

Em sua intervenção, Castilho abordou o trabalho da Editora UNESP ao longo de duas décadas. Segundo ele, o catálogo da Editora já soma mais de mil títulos, de clássicos do pensamento ocidental à produção de importantes intelectuais brasileiros. “Além disso, cerca de 200 títulos que lançamos são de autoria de

pesquisadores da UNESP”, afirmou.

Gutierrez analisou *Inimigos da esperança*, argumentando que o livro mostra como a valorização quantitativa de publicações acadêmicas enfraquece as editoras, reduz a qualidade dos títulos lançados e, por fim, gera um desastre informacional, pela profusão de dados divulgados sem critérios rigorosos. “Essas conclusões justificam o interesse que a obra de Waters despertou”, destacou.

Autor encontra editores na Bienal do Rio

Durante a 13ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, realizada entre 13 e 23 de setembro, a Editora UNESP promoveu um encontro de Lindsay Waters com integrantes da Abeu (Associação Brasileira de Editoras Universitárias). O encontro, que ocorreu dia 14, promoveu o livro de Waters, *Inimigos da esperança*, publicado pela Editora.

Também foram lançados na Bienal seis títulos da Editora: *A ciência ri*, de Sidney Harris; *A duração da pessoa – mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*, de Elizabeth Pissolato; *Contraponto – O ensino e o aprendizado no curso superior de Música*, de Vera Helena Massuh Cury; *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil*, de Wilson Cano; *A Revolução Francesa explicada à minha neta*, de Michel Vovelle; *A sátira do pamaso – Estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*, de Alvaro Santos Simões Junior.

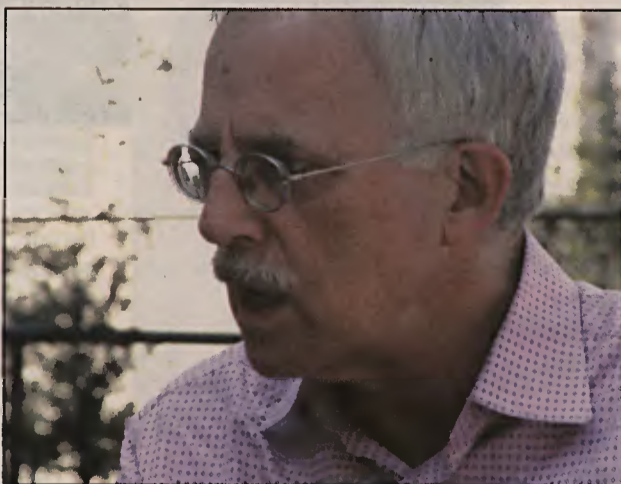
ENTREVISTA/LINDSAY WATERS

Visão crítica do ensino superior

Lindsay Waters tem uma visão muito crítica do ensino superior e do mercado editorial dos EUA. Nesta entrevista, ele aborda a obsessão pela quantidade na produção universitária, as deficiências na avaliação docente e as dificuldades das editoras universitárias. (André Louzas)

Jornal UNESP: O seu livro se tornou conhecido por sua reprovação da ênfase no crescimento das publicações acadêmicas, nos Estados Unidos. Como o senhor vê essa repercussão?

Lindsay Waters: Eu acho que, hoje, o problema que detectei no meu país está internacionalizado. No panorama acadêmico norte-americano, há cerca de 30 anos, não havia a obrigação de publicar para se garantir o posto de professor. Mas a partir dos anos 1970, em função da sua própria expansão, o sistema universitário começou a contratar mais docentes e houve a construção de uma “maquinaria” que automatizou a produção dos professores e levou ao lançamento de mais livros. Os dirigentes das universidades começaram a enfatizar a quantidade de publicações na avaliação docente. E muitos editores estimularam os acadêmicos a publicar trabalhos que não representam verdadeiras contribuições a suas áreas.



Daniel Poirine

Para editor, problema hoje está internacionalizado

JU: Quais são os problemas que essa tendência causa no processo de avaliação acadêmica?

Waters: Um dos danos causados é a falta de rigor nos critérios de avaliação e ausência de debates nos departamentos. Um amigo da Universidade de Pittsburg me contou que uma vez queria levantar algumas questões sobre a qualidade dos trabalhos de um candidato a professor no seu departamento. E o chefe do departamento lhe disse, então, que não era o caso, porque o

candidato havia publicado um livro pela Editora da Universidade da Califórnia e, por esse motivo, não seria preciso questionar o valor dessa obra.

Jornal UNESP: Como esse fenômeno foi sentido entre as editoras universitárias?

Waters: Muitas editoras incentivam essa expansão de publicações para aumentar seus lucros. Várias editoras universitárias, que antes publicavam 500 títulos por ano, atualmente lançam 5 mil obras anualmente. Mas, em função dessa expansão de títulos, estão caindo as vendas dos livros. E isso leva as editoras a publicar mais títulos para manter o nível de seus lucros.

Jornal UNESP: Como está o contexto editorial nos Estados Unidos?

Waters: A venda de livros caiu muito depois dos atentados de 11 de setembro. Grandes redes de lojas fecharam suas portas e os jornais dão cada vez menos espaço para a crítica literária. Diante dessa situação, estamos dando mais ênfase à publicidade de nossos produtos e valorizamos eventos como festivais literários. Buscamos, ainda, divulgar nossas obras nas TVs a cabo e em blogs, e ficamos atentos às sugestões da área comercial da editora. Além disso, um livro pode estar disponível na Internet e também ser vendido na versão de papel.

Estatina mostra eficácia contra moléstia renal

Levantamento no HC de Botucatu demonstra que produto aumenta expectativa de vida de pacientes

A estatina, substância já utilizada na redução de níveis elevados de colesterol, também pode ser eficaz no combate à DRA, ou doença renovascular aterosclerótica. A descoberta foi feita pela nefrologista Vanessa Silva, do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina (FM), câmpus de Botucatu, numa pesquisa em colaboração com outros especialistas da Universidade. O trabalho recebeu, no mês de agosto, o prêmio Qualidade Científica Eduardo Moacyr Krieger, da SBH (Sociedade Brasileira de Hipertensão).

Ao longo de dois anos, o estudo observou a evolução clínica de cem pacientes com diagnóstico de DRA, ou seja, com estreitamento das artérias dos rins, sendo que 63 fizeram uso de estatina. No grupo que recebeu a substância, o índice de sobrevivência foi de 90,61%, ante cerca de 30% dos que não usaram o remédio.

O resultado comprova que o medicamento reduz a necessidade de diálise por falência dos rins e ainda aumenta a expectativa de vida dos doentes. “A substância já era usada no controle do colesterol, mas sua eficácia no tratamento da DRA ainda não tinha sido atestada”, afirma a médica. Além do combate aos efeitos da DRA, a estatina também age na redução das lesões



Vanessa: cem pessoas acompanhadas

intra-renais e a na diminuição da perda de proteínas pela urina.

Vanessa ressalta que o trabalho não constitui um ensaio clínico, isto é, os pacientes não foram isolados para tratamento apenas com a substância pesquisada. Segundo ela, outros remédios também foram ministrados em conjunto, potencializando a estabilização da pressão arterial e do colesterol. “Os estudos sobre a DRA em todo o mundo têm apontado que, iso-

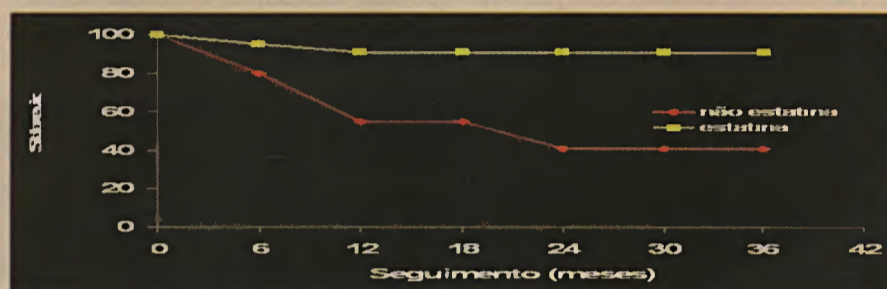
ladamente, nenhum medicamento parece ser eficiente”, adverte.

“Fizemos um estudo de observação, no qual apenas acompanhamos os resultados da prática clínica”, explica o orientador do trabalho, Luís Cuadrado Martin, médico do Hospital de Clínicas e professor da FM. “A pesquisa não escolheu a medicação dos internados, observando apenas o impacto das terapias que já seriam empregadas.”

Além da estatina, um outro remédio apresentou atuação independente na sobrevivência do paciente de DRA: o IECA (inibidor da enzima conversora da angiotensina). A angiotensina contrai os vasos sanguíneos e, ao ser inibida, há uma dilatação das artérias, diminuindo a pressão. “Os efeitos desse segundo medicamento já foram atestados em estudos internacionais, mas a ação da

VANTAGEM DO USO DA SUBSTÂNCIA

No gráfico superior, pode-se constatar o maior percentual de sobrevivência, no período pesquisado, dos pacientes tratados com a estatina (90%, ante 30% dos que não usaram o produto). O gráfico inferior também mostra como o percentual dos que não tiveram falência das funções renais ao longo do levantamento é também muito superior entre os que receberam a substância (89%, ante 36% dos que não utilizaram o medicamento)



estatina ainda não tinha sido comprovada, embora fosse utilizada por muitos médicos”, explica Vanessa.

Características da doença

A doença renovascular aterosclerótica atinge cerca de 4% dos hipertensos no Brasil, que correspondem a aproximadamente 25% da população. Isso significa que quase 2 milhões de brasileiros sofrem de DRA. Estão associados a essa doença altos níveis

de colesterol, diabetes, tabagismo e idade avançada.

Os sintomas da DRA são insuficiência renal, pressão alta de difícil controle, doenças graves no coração e, sobretudo, edema agudo de pulmão. O diagnóstico só é possível por meio de uma angiografia renal, uma espécie de cateterismo, capaz de identificar entupimentos das artérias dos rins por placas de gordura.

Cinthia Leone bolsista Fapesp

ODONTOLOGIA

Aparelho usado em restauração dentária pode afetar saúde

Equipamento libera substância que aumenta risco de doença pulmonar no profissional e no cliente

Em consultórios odontológicos, o aparelho de abrasão a ar é utilizado em restaurações dentárias, principalmente na área de clínica infantil. Um estudo realizado na Faculdade de Odontologia (FO), câmpus de Araraquara, comprova que esse equipamento libera partículas de óxido de alumínio (Al_2O_3) que comprometem o sistema respiratório do profissional e do paciente.

Autor da dissertação realizada no Departamento de Clínica Infantil, Fábio Luiz Ferreira Scannavino explica que o aparelho de abrasão a ar é utilizado pelos cirurgiões dentistas por ser silencioso, não provocar pressão e nem vibração. Essas características preservam o paciente do estresse causado pelos aparelhos convencionais, mais ruidosos.

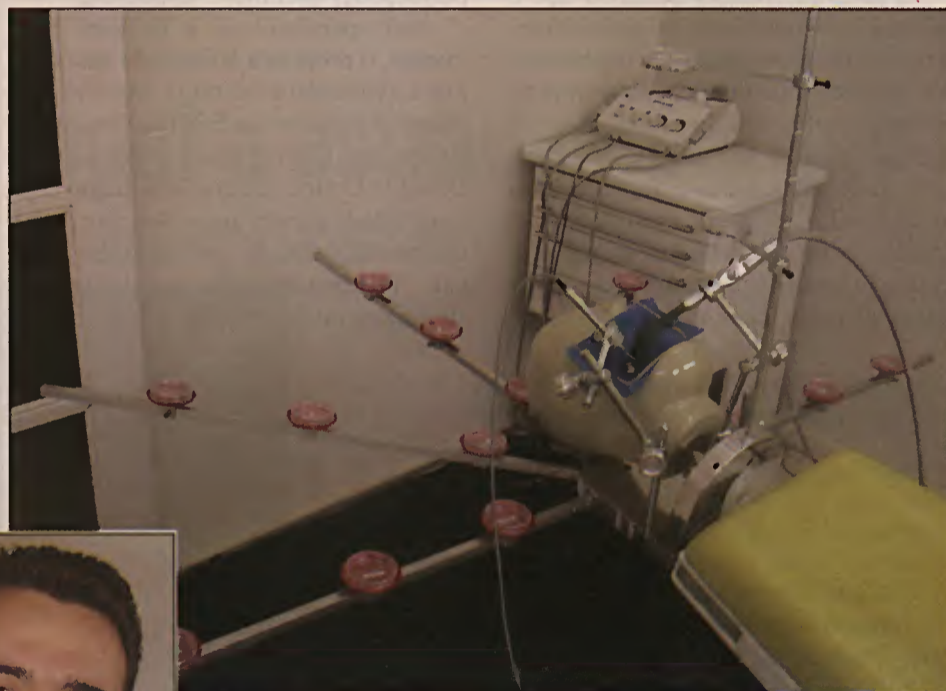
No estudo, Scannavino detectou que as partículas de óxido de alumínio liberadas pelo aparelho alcançam um raio superior a 60 centímetros, área de ação do profissional. As partículas foram coletadas com placas de Petri, recipientes comuns em laboratórios de análises clínicas, a distâncias de 20, 40 e 60 centímetros a partir da cavidade bucal de um manequim. “A proximidade com a cavidade bucal do manequim, que simula a boca do paciente, expõe o profis-

sional à contaminação”, assinala o pesquisador.

Após alguns testes com o aparelho, as placas foram pesadas no Instituto de Física da USP, câmpus de São Carlos, sob a supervisão do docente Antonio Carlos Hernandez. Para a avaliação dos níveis de óxido de alumínio no ambiente de trabalho, foram utilizadas as determinações do Osha (Occupational Safety and Health Administration), órgão que administra a saúde e a segurança ocupacional nos Estados Unidos.

Falta de normas

O trabalho apontou que no Brasil ainda não há uma legislação que estabeleça os limites de contaminação ambiental necessários para preservar a saúde de profissionais e pacientes. “Essa pesquisa supre uma ausência de legislação”, lembra Scannavino. Uma pesquisa de doutorado também realizada na FO por Cláudia Peruchi mos-



Scannavino e o experimento, realizado no câmpus de Araraquara: estudo supre ausência de normas sobre contaminação ambiental em consultórios odontológicos no Brasil

tra que, em animais, as partículas de óxido de alumínio inaladas se acomodam nos brônquios e alvéolos peribronquiais, causando fibrose pulmonar, entre outros males.

Para quem trabalha com o aparelho, a saída para amenizar o problema, segundo Scannavino, é a utilização de equipamentos de segurança, entre eles máscara e óculos de proteção, tanto para o operador como para os auxiliares. Ainda que menos afetado pela poeira, o paciente também deverá usar óculos de proteção e gaze umedecida na região nasal, que teria a função de um filtro.

Uma proposta da pesquisa, que pode ajudar a diminuir a poeira, é o aumento do diâmetro da cânula de sucção, equipa-

mento colocado na boca do paciente para sugar a saliva. Com essa mudança, a cânula poderá aspirar uma quantidade maior do óxido de alumínio, evitando a sua dispersão. “Essa providência pode ser importante para atenuar os riscos da prática profissional”, assinala a orientadora Lourdes Aparecida Martins dos Santos Pinto.

Scannavino lembra que, embora esse aparelho seja fabricado no Brasil, sua pesquisa foi realizada com produtos importados. Segundo ele, a Anvisa (Agência de Vigilância Sanitária), até a conclusão do estudo, ainda não havia divulgado nenhum alerta aos profissionais ou solicitação de modificação do sugador por parte dos fabricantes. Esse estudo integra as atividades do grupo de pesquisa Novas Tecnologias em Odontologia, cujo objetivo é desenvolver equipamentos ou materiais odontológicos. (C.L.)

REGISTRO

O que o Japão plantou no Brasil

Evento que antecede comemorações pelos cem anos de imigração discute legado nipônico na agropecuária

Entre os dias 8 e 10 de setembro, foi realizado na UNESP de Registro um colóquio para discutir a história das relações entre Brasil e Japão no campo da agricultura, bem como os reflexos desse diálogo no avanço econômico, social e cultural do País. O evento "A imigração japonesa no Brasil: contribuição para o desenvolvimento agropecuário" integra as iniciativas preparatórias das comemorações pelos cem anos da chegada dos primeiros imigrantes nipônicos, que ocorrerão em 2008. O colóquio foi promovido pela Assessoria de Relações Externas (Arex) e pela Comissão formada pela UNESP para organizar os eventos relativos a esse centenário. (Leia quadro.)

"A importância da vinda dos japoneses para o nosso País, sobretudo para a agricultura, é demonstrada pela programação das comemorações dos 100 anos de sua chegada, que se iniciaram em 2006", disse a presidente da Comissão e assessora-chefe da Arex, Elizabeth Criscuolo Urbinati, no colóquio. Elizabeth presidiu a mesa de abertura, composta por Samuel Moreira da Silva Júnior, deputado estadual; Clóvis Vieira Mendes, prefeito de Registro; Rubens Takeshi Shimizu, presidente do Bunkio – Associação Cultural Nipobrasileira de Registro; e Sérgio Hugo Benez, coordenador-executivo do câmpus local da UNESP.

A história da vinda dos imigrantes foi abordada por Shimizu e por Isidoro Yamanaka, coordenador da Comissão de Relações Governamentais da Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. Já a implantação da agricultura orgânica e de novas culturas e técnicas de cultivo foi destacada pelo professor Fernando Silveira Franco, da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA), câmpus de Botucatu; Hélio Mori, do Centro Agropecuário; e Alberto Issamu Honda, do Grupo Jacto.

Legado agrícola

Um dos principais produtos vindos do Oriente foi a soja. "O governo brasileiro importou oficialmente sementes de soja em 1914. Contudo, os primeiros imigrantes, em 1908, já trouxeram sementes, que plantaram nas fazendas de Guataparã (SP)", conta Yamanaka. Já o arroz cultivado e beneficiado no Vale do Ribeira (SP) pelos imigrantes passou a ser exportado para o Japão nas décadas de 1920 e 1930.

Fotos Reprodução



Flagrantes da vida dos agricultores japoneses mostram facetas do trabalho de uma colônia que influenciou economia e cultura do País



A solução das cooperativas

Outra contribuição foi a organização dos pequenos agricultores japoneses em cooperativas. "Eles tinham a necessidade de atender à demanda dos atacadistas em uma escala compatível, além da necessidade de aquisição em conjunto dos insumos agrícolas e sementes para as suas plantações", argumentou Yamanaka. O sucesso da proposta das cooperativas, assim como os resultados da própria imigração, deve-se, segundo ele, à união dos japoneses. "As culturas orientais têm um apego maior à comunidade, ao grupo, do que as ocidentais. E esses imigrantes vieram com a meta de se fixar aqui no Brasil", argumenta.

Os colonos japoneses chegaram a Registro em 1913. Nesse município, assim como nas cidades de Aliança, Bastos e Suzano, em São Paulo, Assaí, no Paraná, e Tomé-Açu, no Pará, empresas privadas japonesas compraram grandes lotes de terra, que foram loteados para os interessados. "Quando meu pai partiu do Japão, ele sabia que o terreno dele estava em Registro", conta Hideo Nassuno, presidente da Comissão Municipal Organizadora das Comemorações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. O pai de Hideo, Kiheiji Nassuno, veio para plantar arroz à beira do Rio Iguape. "Além do arroz, muitas outras culturas foram tentadas aqui em Registro. Mas toda cultura a ser implantada era decidida pelo grupo de imigrantes", diz.

No encerramento do evento, uma mesa-redonda anunciou outras atividades a serem realizadas no município e no Brasil, em 2008. Mediada pelo chefe de Gabinete da Prefeitura Manoel Kenji Chikaoka, a mesa foi composta por Hideo Nassuno; Toshiaki Yamamura, presidente do Bunkio Shimizu; Mário Soshin Sakugawa, presidente do Registro Base Ball Club; Yoneko Seimaru, coordenadora das Associações de Senhoras de Registro; e Kazuoki Fukuzawa, presidente da Cooperativa Agrícola de Registro e Região.

Daniel Patire

Diferentes frutas, hortaliças e chás somaram-se às culturas de São Paulo e do Paraná, que receberam o maior número de japoneses. Entre os itens introduzidos estão chás do Sri Lanka; as variedades ogawa 1, 2, 3 e 4 e santa alice melhorada de goiaba; variedades híbridas de pêras européias, chinesas e japonesas, como a shinsui, kôsui e nashi; maçã fuji; poncã; pepino; inhame; broto de bambu; repolho kenzan e matsukaze; acelga natsumaki rissou; nabo minowasse; couve-flor shiromaru; tomate momotaru; e abóbora tetsukabuto. "As variedades mais doces do caqui também foram introduzidas pelos imigrantes japoneses", assinalou Mori.



Silva Júnior, Mendes, Elizabeth e Benez (da esq. para a dir.) ouvem Shimizu

Comissão organiza eventos para comemorar o Centenário

A comissão formada na UNESP para promover os eventos relativos aos cem anos de imigração japonesa é presidida pela professora Elizabeth Criscuolo Urbinati, assessora-chefe da Arex. Ela também coordena a Secretaria Executiva encarregada da organização do Simpósio Internacional "A imigração japonesa no Brasil: contribuição à agropecuária – realidade e tendências", a ser realizado em 2008. A equipe é constituída pelos professores Roberval Daiton Vieira, diretor da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus de Jaboticabal; Izabel Cristina Takitane, da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA), câmpus de Botucatu; Ronaldo Pavarini, câmpus de Registro; e Mario Susumo Haga, da Faculdade de Engenharia (FE), câmpus de Ilha Solteira.

(D.P.)

Exposição discute relação Oriente x Ocidente

De 17 a 22 de setembro, 15 obras expostas no átrio do Instituto de Artes, câmpus de São Paulo, mostraram o corpo como objeto de arte e fator de influência mútua entre Oriente e Ocidente. A exposição *Um corpo é muitos*, que reuniu esculturas, diferentes técnicas de pintura, instalações, fotografias e performance, foi promovida pelo núcleo de estudos AI NO IA, sob a coordenação do professor Milton Sogabe. Foram curadores da mostra os alunos de graduação André Oliveira e



Obra Watao Ayako, de Alexandre Manuel, no IA

Sheila Oi e a pós-graduanda Roberta Fialho. A mostra integra um projeto que debate a introdução e incorporação de elementos da cultura japonesa. A proposta envolve três exposições, realizadas anualmente, a partir de 2006. "No ano passado, a exposição tinha como propósito a discussão da presença da cultura na mídia e no espaço. Neste ano, pretendemos demonstrar a condição do indivíduo. Em 2008, vamos apresentar a transcendência, com foco no zen-budismo", explica Sheila. (D.P.)

Formação docente em debate

O aprimoramento da prática pedagógica, novos métodos e tecnologias de ensino e aproximação dos cursos de licenciatura da realidade escolar foram alguns dos temas debatidos no IX Congresso Estadual de Formação de Professores, que registrou 460 trabalhos inscritos e mais de 700 participantes

JULIO ZANELLA

Diante de uma escola marcada por violência, indisciplina, salas lotadas, alunos desmotivados e infraestrutura precária, a formação dos professores terá que ir além da ênfase nos conhecimentos específicos. O domínio das metodologias, aperfeiçoamento cultural, novas tecnologias de ensino, e, principalmente, a articulação entre o saber técnico, didático e prático ganham cada vez mais importância. As novas tendências nos cursos de licenciatura foram debatidas durante o IX Congresso Estadual de Formação de Professores, promovido pela UNESP em setembro, em Águas de Lindóia (SP).

Para o reitor Marcos Macari, presente na abertura do evento, a formação de professores é um dos maiores desafios da educação brasileira. "Mas nunca se deu a ela a relevância devida", declarou. A UNESP forma por ano cerca de 1.760 alunos em licenciatura, em 64 opções de cursos. "Hoje, mais do que o conteúdo específico de cada área, a formação do professor deve enfatizar o conhecimento pedagógico, didático, curricular, além de uma postura crítica, criativa, frente às condições sociais dos alunos e à precariedade da infraestrutura física das escolas", apontou Sheila Zambello de Pinho, pró-reitora de Graduação (Prograd) e coordenadora do evento.

Com 460 trabalhos inscritos, o Congresso reuniu mais de 700 participantes. Entre os especialistas presentes estava a educadora Rosa Maria Torres (*leia entrevista*); o sociólogo da Universidade de Salamanca Mariarino Enguita; o ex-ministro da Educação Murilo Hingel; a ex-secretária municipal da Educação de São Paulo Guiomar Namó de Mello; os pró-reitores de Graduação da Unicamp, Edgar de Decca, e da USP, Selma Pimenta; e Bernardete Gatti, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas.

Mudança curricular

Integrante da Comissão Científica do Congresso, João Cardoso Palma Filho considera que as licenciaturas não preparam adequadamente os professores para a situação atual do ensino. Palma, que é membro do Conselho Estadual de Educação e diretor do Instituto de Artes (IA), câmpus de São Paulo, critica a maneira como são realizados os estágios curriculares. "Sem acompanhamento, os alunos acabam reproduzindo as piores práticas", aponta. O docente propõe que um professor seja encarregado de acompanhar os estágios dos cursos, além da realização de convênios com a rede pública. Essas medidas, segundo ele, facilitarão a convivência do aluno com a realidade escolar.

De acordo com Palma, todas as licenciaturas da UNESP deveriam ter um tronco comum de disciplinas obrigatórias, que incluiriam Ciências Sociais e Filosofia. "Como o aluno vai entender e enfrentar questões como a violência na escola sem o conhecimento de Sociologia?", questiona.

Já Vandêi Pinto da Silva, professor da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, é contrário à adoção de disciplinas comuns a todas as licenciaturas, o que, para ele, destruiria a identidade dos cursos da UNESP. "Os currículos atuais das licenciaturas são bons, porém, muitas vezes, os alunos não conseguem superar esse sistema educacional desgovernado, que não prioriza o conhecimento científico", opina ele, que coordenou os Grupos de Trabalho do Congresso. "O futuro professor deve transformar esse sistema e não se adaptar a ele", conclui. Em 2003, a Câmara Central de Graduação



Mesa do Congresso: discussões enfatizaram necessidade de formação abrangente

(CCG) da UNESP estabeleceu alguns princípios para a reestruturação curricular das licenciaturas. Entre eles, a maior articulação com os cursos de bacharelado, a valorização das disciplinas de prática e metodologia de ensino e dos estágios curriculares, além da existência de um tronco comum, ainda que pequeno. "Todos os cursos de licenciatura foram reestruturados conforme esses padrões, embora tenhamos consciência de que há ainda muito que fazer", argumenta Sheila

Núcleos de ensino

Para Viviane Galvão, professora da FFC, a infra-estrutura de ensino e as condições de trabalho são determinantes para o bom rendimento do professor. "O aluno de licenciatura precisa aprender a reconhecer a realidade social e a trabalhar em conjunto com outros profissionais da escola e membros da comunidade", afirma. "Na Europa, o professor trabalha em grupo e com 25 alunos que chegam contentes em sala de aula, de barriga cheia, enquanto o brasileiro, sem o devido preparo, é obrigado a lecionar em salas de 50 alunos com fome e abarrotados de problemas."

Viviane assinala que a metodologia pedagógica deve aproximar o conteúdo das aulas



Equipe de Eliza promove educação inclusiva

da realidade dos alunos. Ela acredita que, mais do que ensinar a teoria, o professor deve orientar a sua aplicação no cotidiano, num processo que estimula a comunicação entre os indivíduos e a noção de cidadania. "Não adianta o docente saber Química, Física ou Biologia, se não souber ensinar como esses conhecimentos se aplicam no dia-a-dia", acentua. Uma solução adotada na UNESP para aproximar o estudante de licenciatura da realidade escolar são os Núcleos de Ensino, grupos formados por docentes e graduandos de

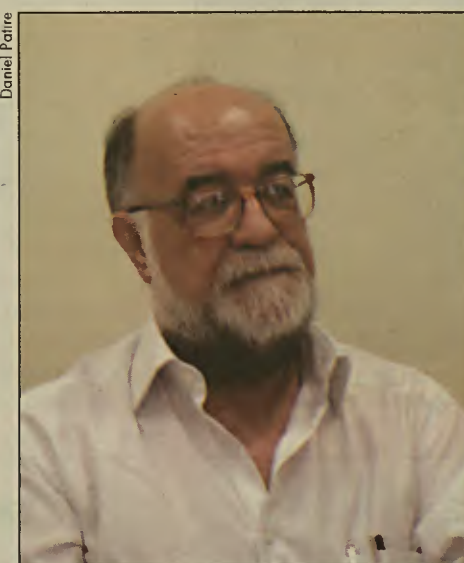
permite uma aprendizagem mais divertida e substitui a ênfase na memorização. Em algumas escolas de Presidente Prudente, a docente Eliza Tomoe Schlünzen, integrante do Núcleo de Educação Corporativa (NEC) da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), aplica um método que tem obtido bons resultados em turmas de 5ª a 7ª séries com atraso escolar, problemas de indisciplina e violência. "A partir de um tema gerador, são abordados conceitos das mais diversas áreas do conhecimento", relata. Por meio de uma pesquisa de opinião sobre violência, por exemplo, os alunos foram estimulados a discutir e dramatizar o problema, lidar com tabelas, gráficos e porcentagem e pesquisar os países mais violentos. Antes considerados analfabetos funcionais, em

13 câmpus que estimulam a adoção de novas práticas pedagógicas e enfatizam o aspecto social da formação do professor. Desde 2000, essa iniciativa coordenada pela Prograd promoveu cerca de 400 projetos – muitos deles debatidos em Águas de Lindóia. "Esse programa permite aos alunos de licenciatura um contato mais concreto com a problemática educacional", acentua José Roberto Corrêa Saglietti, coordenador do Programa.

No Núcleo de Ensino de Marília, um projeto realizado por docentes e estudantes de Ciências Sociais, Filosofia e Pedagogia melhorou o rendimento escolar de crianças de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental com problemas de aprendizagem e indisciplina, em uma escola da periferia da cidade. Numa simulação da organização de um supermercado, por exemplo, os alunos tinham que classificar produtos, escrever os nomes das mercadorias e calcular preços, estimulando o aprendizado de matemática. Os professores da escola, por sua vez, assimilaram práticas de ensino relacionadas ao cotidiano da comunidade.

Ensino atraente

Além dos Núcleos, outras equipes e docentes buscam novas soluções pedagógicas.



Palma propõe currículos mais homogêneos

A professora Aparecida Francisco da Silva, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Iblice), do câmpus de São José do Rio Preto, concorda que os alunos de licenciatura precisam vivenciar variadas práticas de ensino. Para ela, um dos motivos do problema é que grande parte dos professores dos cursos de graduação na área é formada por bacharéis que possuem boa bagagem teórica, mas não receberam um preparo didático adequado. No Congresso, Aparecida ministrou um minicurso sobre o uso de jogos no ensino de Matemática, o que

permite uma aprendizagem mais divertida e substitui a ênfase na memorização. Em algumas escolas de Presidente Prudente, a docente Eliza Tomoe Schlünzen, integrante do Núcleo de Educação Corporativa (NEC) da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), aplica um método que tem obtido bons resultados em turmas de 5ª a 7ª séries com atraso escolar, problemas de indisciplina e violência. "A partir de um tema gerador, são abordados conceitos das mais diversas áreas do conhecimento", relata. Por meio de uma pesquisa de opinião sobre violência, por exemplo, os alunos foram estimulados a discutir e dramatizar o problema, lidar com tabelas, gráficos e porcentagem e pesquisar os países mais violentos. Antes considerados analfabetos funcionais, em



Sheila apóia uma atitude crítica na escola

dois anos esses estudantes alcançaram o nível das melhores classes.

O NEC da FCT se coloca, ainda, entre as iniciativas da UNESP de busca de soluções



Aparecida usa jogos no ensino de Matemática

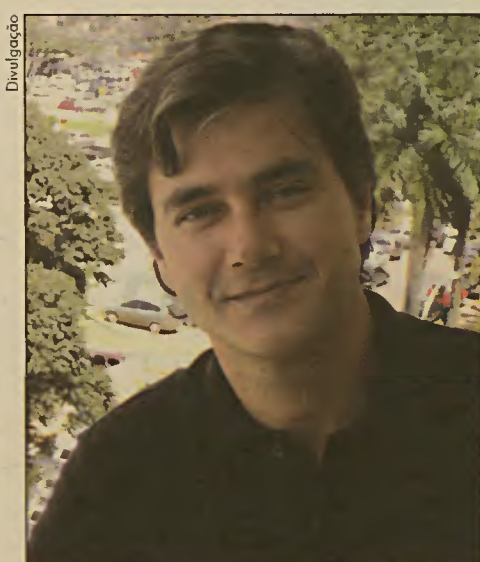
para outro desafio debatido em Águas de Lindóia: a inclusão de pessoas com necessidades especiais. Eliza argumenta que forma seus alunos para lidar com deficientes mentais, auditivos e visuais, com a ajuda de recursos como softwares. "Procuramos também desenvolver nos licenciandos a criatividade, a capacidade para resolver problemas e o espírito participativo, o que ajuda nesse processo de inclusão", afirma.

Em Bauru, docentes da Faculdade de Ciências (FC) criaram um serviço de apoio pedagógico a professores da rede estadual

de Lençóis Paulista (SP), para melhorar sua relação com portadores de necessidades especiais. Segundo Lúcia Leite, coordenadora do projeto, mais de 400 alunos daquele município já foram beneficiados. Trabalho semelhante é feito pelo Centro de Estudos em Educação e Saúde, em Marília, com docentes da rede municipal. A docente da FFC Anna Augusta de Oliveira informa que o curso de Pedagogia busca inserir alguns conteúdos sobre educação inclusiva. "Porém, há a necessidade da figura do professor especialista para oferecer maior suporte pedagógico aos graduandos", comenta.

Preconceitos

Durante o evento, muitos educadores alertaram para a importância de o futuro



Para Teixeira, homossexualismo é tema evitado

professor também saber lidar com preconceitos. "Os alunos de licenciatura estão sendo preparados a trabalhar nas escolas, sem levar em conta todas as mazelas e diferenças entre indivíduos em seu interior", adverte Maria Valéria Barbosa, docente da FFC.

Valéria apresentou no Congresso uma pesquisa sobre como os negros sofrem com a discriminação no ambiente escolar. Ela assinala que, além das questões sociais, as causas do mau rendimento escolar dos negros estariam ligadas à discriminação e à agressão a sua auto-estima. "O MEC já determinou, a obrigatoriedade do ensino da história dos africanos e dos negros brasileiros nos currículos, mas que não tem sido aplicada, inclusive nos cursos da UNESP", afirma.

Já o docente Fernando Silva Teixeira Filho, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, apontou, em sua exposição, o despreparo dos professores para lidar com a questão do homossexualismo nas salas de aula. Entre as causas do fenômeno, ele cita a moral religiosa, os modelos de educação sexual, o preconceito e a falta de informações. "A invisibilidade como hoje o assunto é tratado nas escolas dificulta o acesso à cidadania e aos direitos humanos", critica.

A necessidade de um melhor preparo do licenciando também é enfatizada por Raul Aragão Martins, da FFC, em relação aos casos de usuários de drogas e álcool nas escolas. No Congresso, Martins mostrou como o professor pode identificar os casos de dependência. "Há um grande número de adolescentes com problemas de alcoolismo, mas os professores ainda não sabem agir nesses casos", relatu.



Daniel Patre

ENTREVISTA/ROSA MARIA TORRES

Sistema escolar frustra alunos e professores

Conferencista do Congresso, a equatoriana Rosa Maria Torres foi ministra da Educação de seu país, em 2003, além de ter trabalhado em organismos como Unicef, ONU e Fundação Kellogg. Atualmente, ela atua como assessora internacional e pesquisadora nas áreas de alfabetização, reformas educacionais e comunidades virtuais de aprendizagem. Com seis livros publicados no Brasil, ela concedeu uma entrevista exclusiva ao Jornal UNESP



Julia Zambello

Segundo Rosa, participação pode mudar escola

partir de um novo diálogo entre adultos e jovens.

JU: Que etapas os gestores da área educacional têm que vencer para chegar a essa nova escola?

Rosa: Eles precisam reaprender, por exemplo, o relacionamento com o professor e os investimentos em infra-estrutura, ou seja, todo o conjunto de fatores de extrema complexidade que uma boa gestão exige para o ato de ensinar. (J.Z.)

Jornal UNESP: Por que os professores estão desmotivados para ensinar e os alunos se chateiam ao aprender?

Rosa Torres: Porque o sistema escolar provoca frustrações de ambos os lados. Deve-se mudar o sistema escolar e não apenas a escola.

JU: Como seria este sistema escolar que a senhora projeta?

Rosa: A escola de hoje ainda está baseada em conceitos do século passado e funciona como uma fábrica de conhecimento. Temos que mudar tudo: horários, administração, currículo, pedagogias.

JU: Essa escola não faz parte de uma utopia?

Rosa: Ela é possível, sim, com a participação dos governos, pais, imprensa, professores e, principalmente, daqueles que buscam fazer as coisas de maneira diferente e a

Programa apóia produção de material didático

As pesquisas e trabalhos acadêmicos nas áreas de ensino e extensão, produzidos por docentes e pesquisadores da UNESP, poderão se tornar material didático para alunos do ensino médio e superior. O comunicado foi feito pelo reitor Marcos Macari, na abertura do IX Congresso de Formação de Professores, quando foi anunciado o lançamento do Programa de Apoio à Produção de Material Didático, que tem o apoio da Prograd, Editora UNESP e Vunesp. A iniciativa reforça uma determinação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), que inclui a publicação de material didático no processo de avaliação docente. "É uma produção, em média, de qualidade que, em muitos casos, não tem aproveitamento adequado", apontou Macari. Além de textos de apoio, o programa inclui o aproveitamento da produção audiovisual e artística. "A ideia é oferecer o material aos alunos a preços baixos", acentua a pró-reitora de Graduação Sheila Zambello de Pinho.

(J.Z.)

Dilemas da crítica de arte

Neste mês, o Brasil promove um congresso internacional de críticos de arte, num momento em que a área sofre com uma crise provocada principalmente pela perda de espaço nos meios de comunicação. A mídia cada vez mais encara as criações artísticas como entretenimento, reduzindo o espaço de reflexão sobre o diálogo que as produções visuais, musicais, teatrais e de expressão corporal estabelecem com a cultura e a

sociedade. Esse vácuo de opinião e análise abre espaço para fenômenos como os modismos artísticos, incentivados por interesses de mercado ou por objetivos propagandísticos de patrocinadores de eventos. Os autores dos textos desta edição analisam essas e outras questões, como a importância das curadorias de exposições e propostas para que a crítica garanta uma relação íntegra e fecunda com artistas e público.



Museu do Louvre, 1989, Thomas Struth

A importância de um encontro internacional da área no Brasil

Entrevista com Lisbeth Rebollo Gonçalves

Página 2

Reflexões – e um decálogo – para os especialistas

Oscar D'Ambrosio

Página 2

Aspectos históricos da atividade crítica no Brasil

Elvira Vernaschi

Página 2

A crítica de arte, o espaço público e uma visão do País

Jacob Klintowitz

Página 4

Formação docente em debate

O aprimoramento da prática pedagógica, novos métodos e tecnologias de ensino e aproximação dos cursos de licenciatura da realidade escolar foram alguns dos temas debatidos no IX Congresso Estadual de Formação de Professores, que registrou 460 trabalhos inscritos e mais de 700 participantes

JULIO ZANELLA

Diante de uma escola marcada por violência, indisciplina, salas lotadas, alunos desmotivados e infraestrutura precária, a formação dos professores terá que ir além da ênfase nos conhecimentos específicos. O domínio das metodologias, aperfeiçoamento cultural, novas tecnologias de ensino, e, principalmente, a articulação entre o saber técnico, didático e prático ganham cada vez mais importância. As novas tendências nos cursos de licenciatura foram debatidas durante o IX Congresso Estadual de Formação de Professores, promovido pela UNESP em setembro, em Águas de Lindóia (SP).

Para o reitor Marcos Macari, presente na abertura do evento, a formação de professores é um dos maiores desafios da educação brasileira. "Mas nunca se deu a ela a relevância devida", declarou. A UNESP forma por ano cerca de 1.760 alunos em licenciatura, em 64 opções de cursos. "Hoje, mais do que o conteúdo específico de cada área, a formação do professor deve enfatizar o conhecimento pedagógico, didático, curricular, além de uma postura crítica, criativa, frente às condições sociais dos alunos e à precariedade da infraestrutura física das escolas", apontou Sheila Zambello de Pinho, pró-reitora de Graduação (Prograd) e coordenadora do evento.

Com 460 trabalhos inscritos, o Congresso reuniu mais de 700 participantes. Entre os especialistas presentes estava a educadora Rosa Maria Torres (*leia entrevista*); o sociólogo da Universidade de Salamanca Mariano Enguita; o ex-ministro da Educação Murilo Hingel; a ex-secretária municipal da Educação de São Paulo Guiomar Namó de Mello; os pró-reitores de Graduação da Unicamp, Edgar de Decca, e da USP, Selma Pimenta; e Bernardete Gatti, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas.

Mudança curricular

Integrante da Comissão Científica do Congresso, João Cardoso Palma Filho considera que as licenciaturas não preparam adequadamente os professores para a situação atual do ensino. Palma, que é membro do Conselho Estadual de Educação e diretor do Instituto de Artes (IA), câmpus de São Paulo, crítica a maneira como são realizados os estágios curriculares. "Sem acompanhamento, os alunos acabam reproduzindo as piores práticas", aponta. O docente propõe que um professor seja encarregado de acompanhar os estágios dos cursos, além da realização de convênios com a rede pública. Essas medidas, segundo ele, facilitarão a convivência do aluno com a realidade escolar.

De acordo com Palma, todas as licenciaturas da UNESP deveriam ter um tronco comum de disciplinas obrigatórias, que incluiriam Ciências Sociais e Filosofia. "Como o aluno vai entender e enfrentar questões como a violência na escola sem o conhecimento de Sociologia?", questiona.

Já Vandeir Pinto da Silva, professor da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, é contrário à adoção de disciplinas comuns a todas as licenciaturas, o que, para ele, destruiria a identidade dos cursos da UNESP. "Os currículos atuais das licenciaturas são bons, porém, muitas vezes, os alunos não conseguem superar esse sistema educacional desgovernado, que não prioriza o conhecimento científico", opina ele, que coordenou os Grupos de Trabalho do Congresso. "O futuro professor deve transformar esse sistema e não se adaptar a ele", conclui.

Em 2003, a Câmara Central de Graduação



Mesa do Congresso: discussões enfatizaram necessidade de formação abrangente

(CCG) da UNESP estabeleceu alguns princípios para a reestruturação curricular das licenciaturas. Entre eles, a maior articulação com os cursos de bacharelado, a valorização das disciplinas de prática e metodologia de ensino e dos estágios curriculares, além da existência de um tronco comum, ainda que pequeno. "Todos os cursos de licenciatura foram reestruturados conforme esses padrões, embora tenhamos consciência de que há ainda muito que fazer", argumenta Sheila

Núcleos de ensino

Para Viviane Galvão, professora da FFC, a infra-estrutura de ensino e as condições de trabalho são determinantes para o bom rendimento do professor. "O aluno de licenciatura precisa aprender a reconhecer a realidade social e a trabalhar em conjunto com outros profissionais da escola e membros da comunidade", afirma. "Na Europa, o professor trabalha em grupo e com 25 alunos que chegam contentes em sala de aula, de barriga cheia, enquanto o brasileiro, sem o devido preparo, é obrigado a lecionar em salas de 50 alunos com fome e abarrotados de problemas."

Viviane assinala que a metodologia pedagógica deve aproximar o conteúdo das aulas

13 câmpus que estimulam a adoção de novas práticas pedagógicas e enfatizam o aspecto social da formação do professor. Desde 2000, essa iniciativa coordenada pela Prograd promoveu cerca de 400 projetos – muitos deles debatidos em Águas de Lindóia. "Esse programa permite aos alunos de licenciatura um contato mais concreto com a problemática educacional", acentua José Roberto Corrêa Saglietti, coordenador do Programa.

No Núcleo de Ensino de Marília, um projeto realizado por docentes e estudantes de Ciências Sociais, Filosofia e Pedagogia melhorou o rendimento escolar de crianças de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental com problemas de aprendizagem e indisciplina, em uma escola da periferia da cidade. Numa simulação da organização de um supermercado, por exemplo, os alunos tinham que classificar produtos, escrever os nomes das mercadorias e calcular preços, estimulando o aprendizado de matemática. Os professores da escola, por sua vez, assimilaram práticas de ensino relacionadas ao cotidiano da comunidade.

Ensino atraente

Além dos Núcleos, outras equipes e docentes buscam novas soluções pedagógicas.

permite uma aprendizagem mais divertida e substitui a ênfase na memorização.

Em algumas escolas de Presidente Prudente, a docente Eliza Tomoe Schlünzen, integrante do Núcleo de Educação Corporativa (NEC) da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), aplica um método que tem obtido bons resultados em turmas de 5ª a 7ª séries com atraso escolar, problemas de indisciplina e violência. "A partir de um tema gerador, são abordados conceitos das mais diversas áreas do conhecimento", relata. Por meio de uma pesquisa de opinião sobre violência, por exemplo, os alunos foram estimulados a discutir e dramatizar o problema, lidar com tabelas, gráficos e porcentagem e pesquisar os países mais violentos. Antes considerados analfabetos funcionais, em

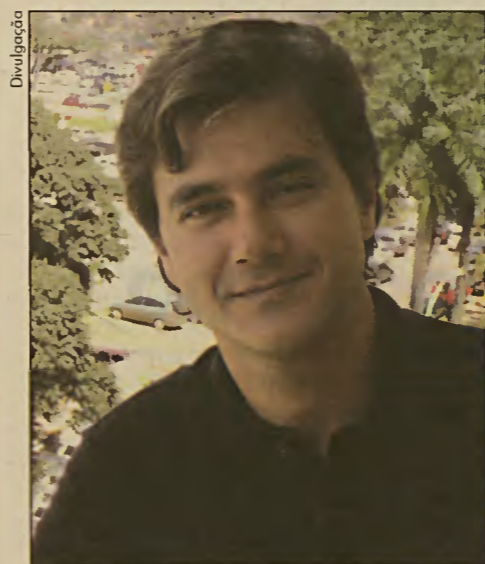
de Lençóis Paulista (SP), para melhorar sua relação com portadores de necessidades especiais. Segundo Lúcia Leite, coordenadora do projeto, mais de 400 alunos daquele município já foram beneficiados. Trabalho semelhante é feito pelo Centro de Estudos em Educação e Saúde, em Marília, com docentes da rede municipal. A docente da FFC Anna Augusta de Oliveira informa que o curso de Pedagogia busca inserir alguns conteúdos sobre educação inclusiva. "Porém, há a necessidade da figura do professor especialista para oferecer maior suporte pedagógico aos graduandos", comenta.

Preconceitos

Durante o evento, muitos educadores alertaram para a importância de o futuro



Sheila apóia uma atitude crítica na escola



Para Teixeira, homossexualismo é tema evitado



Viviane critica condição precária de trabalho

dois anos esses estudantes alcançaram o nível das melhores classes.

O NEC da FCT se coloca, ainda, entre as iniciativas da UNESP de busca de soluções

professor também saber lidar com preconceitos. "Os alunos de licenciatura estão sendo preparados a trabalhar nas escolas, sem levar em conta todas as mazelas e diferenças entre indivíduos em seu interior", adverte Maria Valéria Barbosa, docente da FFC.

Valéria apresentou no Congresso uma pesquisa sobre como os negros sofrem com a discriminação no ambiente escolar. Ela assinala que, além das questões sociais, as causas do mau rendimento escolar dos negros estariam ligadas à discriminação e à agressão a sua auto-estima. "O MEC já determinou, a obrigatoriedade do ensino da história dos africanos e dos negros brasileiros nos currículos, mas que não tem sido aplicada, inclusive nos cursos da UNESP", afirma.

Já o docente Fernando Silva Teixeira Filho, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, apontou, em sua exposição, o despreparo dos professores para lidar com a questão do homossexualismo nas salas de aula. Entre as causas do fenômeno, ele cita a moral religiosa, os modelos de educação sexual, o preconceito e a falta de informações. "A invisibilidade como hoje o assunto é tratado nas escolas dificulta o acesso à cidadania e aos direitos humanos", critica.

A necessidade de um melhor preparo do licenciando também é enfatizada por Raul Aragão Martins, da FFC, em relação aos casos de usuários de drogas e álcool nas escolas. No Congresso, Martins mostrou como o professor pode identificar os casos de dependência. "Há um grande número de adolescentes com problemas de alcoolismo, mas os professores ainda não sabem agir nesses casos", relatou.

Novas tecnologias

A importância do conhecimento de informática nos cursos de licenciatura foi outro tema debatido no Congresso. Em sua palestra, o professor da Unicamp José Armando Valente salientou que a adaptação do conteúdo dos cursos ao uso do computador está entre as maiores dificuldades da formação dos professores. "Não adianta dispor de tecnologia, se os docentes não forem treinados e capacitados para usá-la no ensino", observa.

Além dos softwares e equipamentos de informática, o coordenador do NEC da FCT Klaus Schlünzen Junior destaca a importância da construção de uma cultura de educação a distância (EaD) na Universidade. Ele acentua que o MEC encara essa modalidade de educação como estratégica, devido às dimensões do País e às dificuldades de formação profissional. A UNESP foi uma das primeiras universidades a formar professores da rede pública por meio do EaD, com bons resultados nos cursos semipresenciais do Programa Pedagogia Cidadã.

A pró-reitora Sheila reconhece a complexidade dos problemas abordados em Águas de Lindóia, mas ressalta que a UNESP vem adotando várias medidas para enfrentá-los. Ela cita o caso das oficinas pedagógicas promovidas em alguns câmpus, que contemplam temas como a atualização dos docentes para as novas práticas de ensino, incluindo a informática. Em relação aos estágios curriculares, Sheila assinala que eles estão passando por reformulações na carga horária e na sua implementação. Sobre o ensino especial, a pró-reitora esclarece que será oferecido aos licenciandos, a partir de 2008, um curso em nível de extensão sobre a linguagem brasileira de sinais.

ENTREVISTA/ROSA MARIA TORRES

Sistema escolar frustra alunos e professores

Conferencista do Congresso, a equatoriana Rosa Maria Torres foi ministra da Educação de seu país, em 2003, além de ter trabalhado em organismos como Unicef, ONU e Fundação Kellogg. Atualmente, ela atua como assessora internacional e pesquisadora nas áreas de alfabetização, reformas educacionais e comunidades virtuais de aprendizagem. Com seis livros publicados no Brasil, ela concedeu uma entrevista exclusiva ao Jornal UNESP



Segundo Rosa, participação pode mudar escola

Jornal UNESP: Por que os professores estão desmotivados para ensinar e os alunos se chateiam ao aprender?

Rosa Torres: Porque o sistema escolar provoca frustrações de ambos os lados. Deve-se mudar o sistema escolar e não apenas a escola.

JU: Como seria este sistema escolar que a senhora projeta?

Rosa: A escola de hoje ainda está baseada em conceitos do século passado e funciona como uma fábrica de conhecimento. Temos que mudar tudo: horários, administração, currículo, pedagogias.

JU: Essa escola não faz parte de uma utopia?

Rosa: Ela é possível, sim, com a participação dos governos, pais, imprensa, professores e, principalmente, daqueles que buscam fazer as coisas de maneira diferente e a

partir de um novo diálogo entre adultos e jovens.

JU: Que etapas os gestores da área educacional têm que vencer para chegar a essa nova escola?

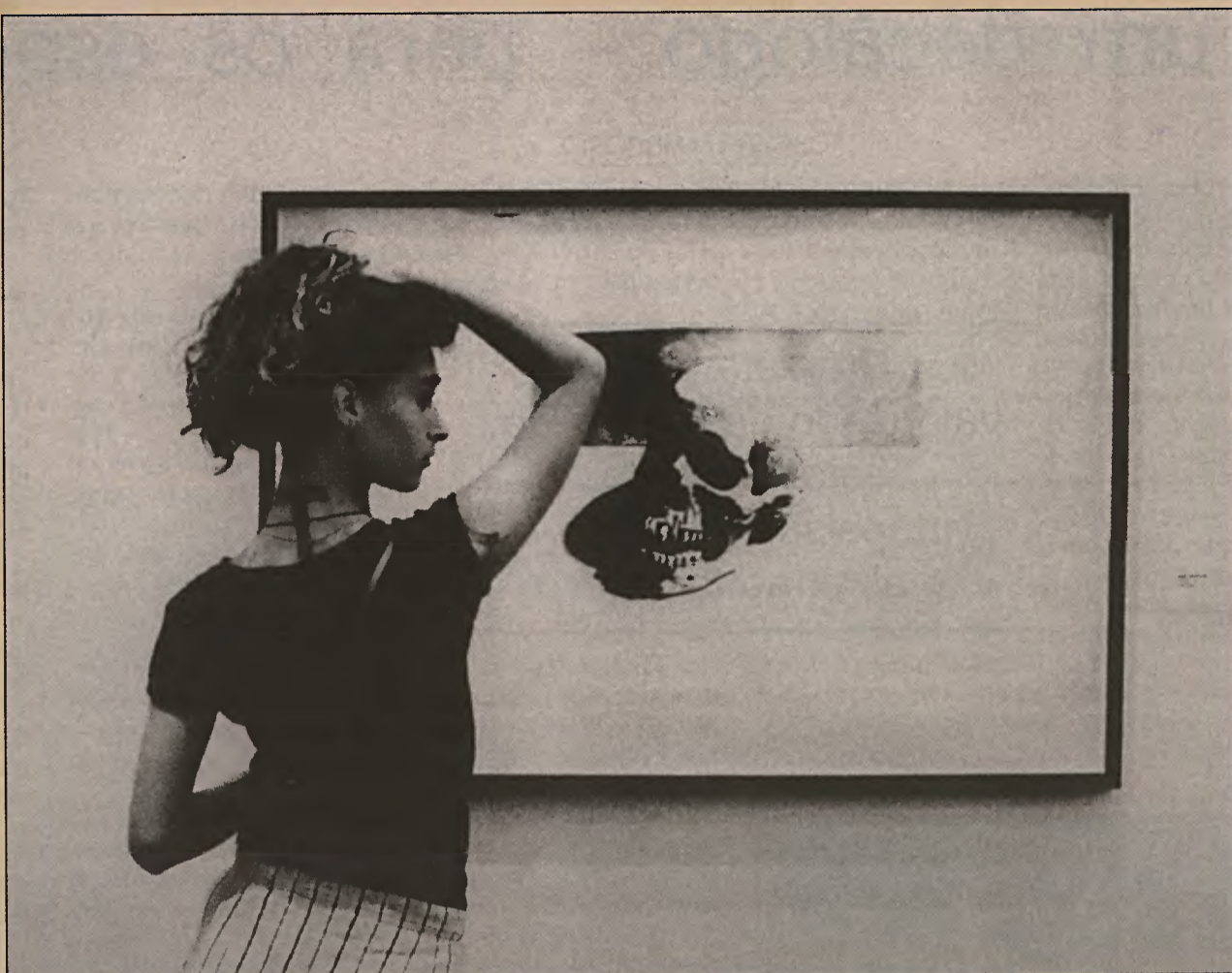
Rosa: Eles precisam reaprender, por exemplo, o relacionamento com o professor e os investimentos em infra-estrutura, ou seja, todo o conjunto de fatores de extrema complexidade que uma boa gestão exige para o ato de ensinar. (J.Z.)

Programa apóia produção de material didático

As pesquisas e trabalhos acadêmicos nas áreas de ensino e extensão, produzidos por docentes e pesquisadores da UNESP, poderão se tornar material didático para alunos do ensino médio e superior. O comunicado foi feito pelo reitor Marcos Macari, na abertura do IX Congresso de Formação de Professores, quando foi anunciado o lançamento do Programa de Apoio à Produção de Material Didático, que tem o apoio da Prograd, Editora UNESP e Vunesp. A iniciativa reforça uma determinação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), que inclui a publicação de material didático no processo de avaliação docente. "É uma produção, em média, de qualidade que, em muitos casos, não tem aproveitamento adequado", apontou Macari. Além de textos de apoio, o programa inclui o aproveitamento da produção audiovisual e artística. "A ideia é oferecer o material aos alunos a preços baixos", acentua a pró-reitora de Graduação Sheila Zambello de Pinho.

(J.Z.)

Sem título, 1995, Bobby Costa



A crítica de arte, o espaço público e uma visão do País

JACOB KLINTOWITZ

Vemos na mídia a louvação temerosa e bajuladora das formas aparentes da vanguarda ou da criação

A evidência mais simples indica que a crítica de arte, no Brasil, perdeu o espaço público para o debate. Basta olhar os principais jornais e revistas nacionais para observar a ausência de material crítico. Nós já tivemos no País uma crítica de arte militante, ativa, que discutia publicamente as questões da cultura e da arte. E isso incluía praticamente todos os jornais das capitais brasileiras e algumas revistas. Nas páginas que a população lia, encontrávamos intelectuais e escritores falando sobre artes visuais: Harry Laus, Jayme Maurício, José Roberto Teixeira Leite, Roberto Pontual, Frederico Moraes, Mário Pedrosa, Geraldo Ferraz, José Geraldo Vieira, Walmir Ayala, Olívio Tavares de Araújo, Sheila Leimer, César Romero, Clarival do Prado Valadares, Francisco Bittencourt, Antonio Bento, Angélica de Moraes, Jorge Coli, Radha Abramo, Quirino Campofiorito, Flávio de Aquino, Pietro Maria Bardi, Jacob Klintowitz, entre tantos outros.

Hoje, os veículos importantes têm reportagens e notícias, algumas delas com um certo caráter opinativo. Como esse fato tem caráter universal, não é possível restringi-lo a alguns casos particulares, mas devemos entendê-lo como uma atitude intencional e uma tendência da mídia brasileira. Eu perguntei diretamente para um dos mais influentes diretores de redes de comunicação do País qual a explicação para isso e ele me respondeu que se tratava de especialização e que assuntos como arte devem ter tratamento melhor em revistas especializadas. Talvez fizesse sentido, se os jornais e revistas não publicassem críticas de outras áreas culturais e não dedicassem longos espaços para as reportagens sobre arte, na sua maioria orientadas pela própria mídia. Ou seja, são assunto de arte os artistas e os movimentos já divulgados pela mídia. A realidade midiática é tautológica.

Nesse panorama brasileiro, a crítica de arte refugiou-se quase completamente nas universidades. É um trabalho importante, num cenáculo significativo. Mas sabemos que a universidade oferece uma carreira, uma metodologia de trabalho e uma rígida hierarquia funcional na orientação dos assuntos, das teses e dos percursos dos temas tratados. Esse cenáculo é um avanço no País, a criação de um trabalho intelectual disciplinado, a formação de escolas culturais, o intercâmbio com instituições similares em outros países. Mas a universidade brasileira tem a tendência de viver uma existência intramuros.

A perda e a ausência da crítica de arte dos e nos meios de comunicação é um desastre inominável para o Brasil. Perdeu-se a polêmica. E o universo da opinião é um exercício poético e exige independência, e essas condições são mais facilmente encontradas na atividade jornalística e editorial. A entrega do espaço preferencial da polêmica e da

crítica independente, o jornalismo, à simples reportagem retirou a ousadia, a investigação, o contraditório, da atividade crítica. O experimento e a ousadia pertencem e dependem, em boa parte, da esfera pública.

Nesse panorama, a orientação principal da comunicação de arte no País ficou dependente dos promotores de eventos, sejam eles exposições em galerias de arte, sejam manifestações em institutos culturais patrocinados por empresas e entidades. O retrocesso, na minha opinião, é prejudicial à arte brasileira e ao desenvolvimento da nossa cultura visual. A relação entre arte e reflexão ficou minimizada e isso se reflete na qualidade da produção da nossa arte, cada vez mais dependente de grupos de pressão, interesses comerciais e interesses políticos, dado o papel relevante do Estado brasileiro na divulgação e promoção da arte.

A primeira consequência deste estado de coisas é se confundir o novidadeiro com o novo. É inegável que os veículos tornaram-se divulgadores não de uma reflexão sobre arte, mas de uma moda artística.

Onde se exerce o pensamento crítico, em nossa sociedade? Nas universidades, as sucessivas teses de mestrado e doutorado obedecem a regras rígidas de forma e exposição, limitando a ousadia e o risco. Artigos esparsos na mídia sobre assuntos do momento e em livros de arte e de textos, ainda poucos e limitados. Resta a curadoria de mostras temáticas e individuais e, também nesse caso, dadas as peculiaridades nacionais, bastante limitadas ao patrocínio e à neutralidade não polêmica, seguidamente laudatória, das instituições. Também os cursos especiais ministrados por altas personalidades, a convite de universidades, bem pagos e com tempo de preparação, são inexistentes no País.

A raridade de verdadeira crítica impede a interlocução entre arte e sociedade e dificulta a criação de uma grande arte. O que observamos na mídia de massa é a repetição mecânica de idéias e princípios, e a louvação não especializada, ignorante, temerosa e bajuladora com as formas aparentes da vanguarda ou da criação.

A ausência de pensamento crítico impede que se estudem as formas no seu contexto estético e social. Elas passam a ser "naturais", eternas, imobilizando a sociedade como um processo permanente de transformação. Morre a metamorfose. Saúda-se a imobilidade.

Jacob Klintowitz, crítico de arte, autor de 102 livros sobre arte brasileira e teoria de arte, tem atuado na área jornalística em veículos como Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo e TV Globo.

CONVÊNIO

Banco Real apoiará iniciativas da UNESP

Instituição fornecerá recursos para projetos de inclusão social e sustentabilidade ambiental

No dia 20 de setembro, a UNESP e o Banco Real – ABN AMRO firmaram um convênio para o desenvolvimento de projetos de sustentabilidade ambiental e inclusão social. Pelo acordo, o banco dará suporte financeiro a iniciativas nessas duas áreas, elaboradas pelas cinco Pró-Reitorias da Universidade. O convênio foi assinado pelo reitor Marcos Macari e o vice-reitor Herman Jacobus Cornelis Voorwald e por dois diretores do banco, Wagner Augusto Ferrari e Kléber Monteiro Filho.

“É uma parceria muito importante para dar suporte a projetos de sustentabilidade e que também invistam em recursos humanos, foco da nossa administração”, afirmou Macari. O evento ocorreu na Sala do Conselho Universitário, na Reitoria, em São Paulo. Para Ferrari, diretor-executivo comercial de Varejo do Real, os objetivos comuns da UNESP e do banco de integrar e desenvolver os indivíduos e a sociedade levaram à formulação do convênio. “Nossa parceria pode servir de exemplo a outras instituições e universidades”, disse.

Segundo Julio Cezar Durigan, pró-reitor de Administração, a partir do interesse demonstrado pelo banco, as Pró-Reitorias apresentaram diversos projetos aos técnicos do Real. Entre as propostas aprovadas estão as seguintes:

- Formação técnica e política dos membros de grupos populares do Estado que geram trabalho e renda, como cooperativas.
- Difusão, em jornais, rádio e televisão, de conhecimentos nas áreas de Biologia Marinha e Gerenciamento Costeiro, para banhistas e população.
- Complementação do ensino de nível médio para alunos carentes, orientando-os para os exames vestibulares.



Ferreira comenta o convênio, ao lado de Macari e Monteiro Filho: parceria pode servir de exemplo a outras entidades

- Fomento à implantação de políticas públicas de promoção de justiça e combate à violência.
- Apoio a 119 iniciativas dos Núcleos de Ensino, que, em 13 câmpus da UNESP, promovem atividades de formação dos alunos de licenciatura.
- Capacitação de docentes que ministrem a disciplina de Empreendedorismo.
- Formação de recursos humanos de alto nível para

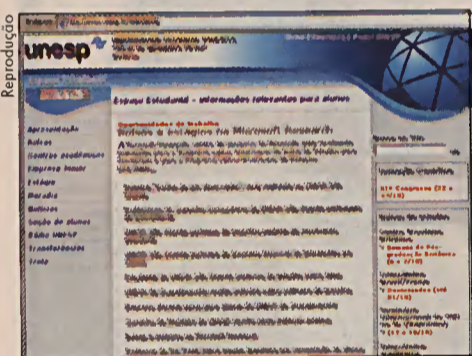
melhoria da produção científica, atendendo necessidades nacionais e regionais.

- Estímulo a docentes para cooperação com pesquisadores e instituições estrangeiras e publicação de trabalhos em periódicos científicos internacionais.
- Tratamento de resíduos e redução de consumo de água na UNESP, com a formação de recursos humanos e adequação de laboratórios para tornar viáveis as iniciativas.

INTERNET

Portal UNESP abre espaço para o aluno

Estudante pode obter dados sobre bolsas e outros serviços, além de notícias das unidades



Já está no ar, desde 18 de setembro, o “Espaço Estudantil”, iniciativa do Portal UNESP para facilitar a integração do universitário à vida acadêmica e levá-lo a desfrutar das oportunidades que a Universidade oferece. A novidade atende as expectativas dos representantes dos alunos, manifestadas durante encontros com o reitor Marcos Macari.

A proposta é aglutinar as informações

do Portal UNESP sobre os trâmites acadêmicos mais solicitados no cotidiano universitário. No menu esquerdo do Espaço, há dados para obtenção de bolsas, contatos com os centros acadêmicos e empresas juniores das unidades, além de informações sobre estágios e vagas nas moradias. É também possível acessar as seções de alunos e dados sobre administração do trote.

O Espaço publica, ainda, notícias sobre

as 32 unidades. Os textos são, em geral, de universitários selecionados, com informações diárias sobre as atividades acadêmicas organizadas por estudantes ou docentes. A coluna à direita é reservada a eventos e oportunidades com prazos determinados. Ficam disponíveis nesse local bolsas e novidades oferecidas por outras instituições do País e do Exterior.

O endereço do Espaço Estudantil é <http://www.unesp.br/estudantil/>

LEITURA DINÂMICA

DANÇA

Um projeto na Faculdade de Ciências (FC) do câmpus da UNESP de Bauru busca ensinar dança para estudantes de todos os cursos da unidade. A monitória é Dudi Ribeiro, aluna do terceiro ano de Educação Física, que é orientada por Ana Flora Zaniratto Zonta, docente do Departamento de Educação Física. As aulas do projeto começaram em abril e acontecem às segundas e quartas-feiras. “Os alunos que frequentam o projeto são muito animados. Nunca havia ensinado para adultos, mas estou adorando”, conta Dudi, que participou da abertura dos Jogos Pan-Americanos, em julho, no Rio de Janeiro. “Foi uma experiência inesquecível”, diz. Informações sobre o curso: (14) 3103-6082 ou dudi_star@yahoo.com.br (Sária Cristina Nogueira, bolsista UNESP/Universia/FC/Bauru)

SAÚDE

No dia 1º de setembro, aconteceu a Feira de Saúde, promovida pelo Grupo PET (Programa de Educação Tutorial) da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, câmpus de Araraquara. O evento aconteceu durante todo o dia em Boa Esperança do Sul, município com 17 mil habitantes próximo a Araraquara. A equipe de estudantes foi formada por 44 alunos, que, em estandes, trabalharam temas como pressão arterial, diabetes, parasitoses, alimentos, medicações, doenças sexualmente transmissíveis e drogas. “O objetivo foi permitir que os estudantes tivessem contato direto com a população”, assinala Júlio César Rente Filho, aluno do quarto ano de Farmácia-Bioquímica. (José André Ferreira de Castro, bolsista UNESP/Universia/FCF/Araraquara)

EMPRESA JÚNIOR

A Empreender Jr. Consultoria Empresarial e Agronegócios, empresa formada e gerida por alunos de Administração do câmpus de Tupã, empousou a sua nova diretoria, no dia 6 de agosto. Deixam os cargos o presidente Eduardo Di Miguéli e o vice, Marcel Hamasuna, e assumem a presidência e a vice-presidência, respectivamente, Lucas Eduardo Fernandes e Bruno Cas-

siano Wayego. A nova administração também inclui cinco diretorias: de marketing, projetos, recursos humanos, relações públicas e área jurídico-financeira, além do conselho. Criada em fevereiro de 2005, a empresa já desenvolveu projetos para instituições como Agroamérica, Usina Clealco, Rede de Postos Vanuire e Associação Comercial e Industrial de Tupã. (Luiz Emilio Rodrigues de Camargo, bolsista UNESP/Universia/Tupã)

ENGENHARIA AGRÍCOLA

O aluno de Zootecnia José Antonio Barroca Morcelli, do câmpus de Dracena, recebeu prêmio de melhor trabalho de iniciação científica, no XXXVI Conbea (Congresso Brasileiro de Engenharia Agrícola) – 2007, realizado em Bonito (MS), entre 30 de julho e 3 de agosto. O trabalho, intitulado *Análise da correlação do conforto térmico em protótipos e modelos em escala reduzida*, foi vencedor na área de Construções Rurais e Ambientância. Desenvolvido com orientação do docente Juliano Fiorelli, o estudo tem apoio da Fapesp (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo). “Esse prêmio valoriza e incentiva a atividade de iniciação científica desenvolvida pelos alunos da unidade”, afirma Morcelli. (Ives Rodolfo Fernandes, bolsista Univerisa/UNESP/Dracena)

ALUNOS ANGOLANOS

Os estudantes angolanos da UNESP de Sorocaba Nguema Valentim Caxala Caiombo e Pedro Francisco Joaquim Lourenço, do curso de Engenharia de Controle e Automação, e Olga de Sousa Tinta e Sandra Cristina Domingos Bambi, de Engenharia Ambiental, foram entrevistados pelo diário local *O Cruzeiro do Sul*, para uma reportagem que integrou um caderno especial de educação, lançado em setembro. Eles falaram sobre o desafio de deixar a terra natal, a dificuldade de viver longe dos pais e amigos e as expectativas sobre os benefícios que o diploma brasileiro lhes trará. As vagas dos quatro estudantes integram um acordo firmado entre a UNESP e a Fesa (Fundação Eduardo dos Santos), também conhecida como Fundação para o Desenvolvimento de Angola. (Eduardo Bernardo de Oliveira, bolsista UNESP/Universia/Sorocaba)

ENGENHARIA INDUSTRIAL MADEIREIRA

De 20 a 22 de setembro, foi realizado na UNESP de Itapeva o

4º Eneim (Encontro Nacional de Engenharia Industrial Madeireira), evento anual que visa integrar as faculdades do País que oferecem esse curso. O encontro discutiu assuntos relacionados ao cotidiano da profissão, abordando temas como a situação do mercado de trabalho. A organização do evento esteve a cargo da UNESP e da Promad Jr., empresa júnior dos alunos do câmpus de Itapeva. Participaram estudantes e professores da UNESP, das Universidades Federais do Paraná, Espírito Santo e Pelotas (RS), Universidade do Planalto Catarinense (SC) e Centro Universitário de União da Vitória (PR). (Nina Morena Gagliardi Quintana, bolsista UNESP/Universia/Itapeva)

EX-ALUNOS

Criada em abril, durante a comemoração dos 50 anos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto, a Associação dos Ex-alunos do Ibilce busca promover o encontro entre ex-estudantes, além de aproximá-los da instituição que os formou. “Nosso objetivo inicial é montar um cadastro dos ex-alunos interessados em recuperar vínculos perdidos e em manter contato com a unidade”, informa o docente Peter James Harris, idealizador da Associação. Os interessados em integrar o cadastro devem acessar o endereço www.ibilce.unesp.br/50anos (Lygia Alibert Barboza da Silva, bolsista UNESP/Universia/Ibilce/São José do Rio Preto).

DIREITOS DA INFÂNCIA

Duas estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), câmpus de Bauru, foram selecionadas para receber bolsa de estudos da Agência de Notícias dos Direitos da Infância e da Juventude (Andi). A entidade, que ofereceu 43 bolsas, selecionou trabalhos voltados para a relação entre mídia e direitos humanos de crianças e adolescentes. As alunas Maria Carolina Salles Bueno e Liliane Cristina Alves Encarnação foram escolhidas pela proposta de analisar a cobertura dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* sobre a morte do menino João Hélio, ocorrida no dia 7 de fevereiro deste ano, no Rio de Janeiro. “Verificaremos se houve ou não uma espetacularização do assassinato de João Hélio”, explica Maria Carolina. (Luana Nascimento de Almeida, bolsista UNESP/Universia/Faac/Bauru)

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Expansão do conhecimento

Iniciativas buscam garantir o acesso das pessoas à informação, seja utilizando os recursos que são oferecidos pelos meios de comunicação, seja adotando soluções simples e baratas na área pedagógica



MATEMÁTICA

Crianças aprendem com materiais simples

Grupo de São José do Rio Preto estimula intuição e dedução de propriedades geométricas

Desde agosto de 2006, cerca de mil alunos do ensino fundamental da rede pública municipal e estadual de São José do Rio Preto participaram das atividades do projeto "Vivendo a Geometria". Por meio dessa iniciativa, estudantes do curso de licenciatura em Matemática do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), do campus local da UNESP, fornecem apoio pedagógico a crianças e jovens sobre conceitos da Geometria.



Estudante da UNESP apresenta materiais na rede pública

O projeto é coordenado pela professora Rita de Cássia Pavani Lamas, do Departamento de Matemática, e recebe o apoio institucional do Programa de Divulgação Científica Permanente "Ciência na UNESP", ligado à Vice-reitoria. Segundo Rita, o "Vivendo a Geometria" é uma ampliação do projeto do Núcleo de Ensino local, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria de Lourdes Murad de Camargo, entre 2005 e 2006.

Com o auxílio dos alunos bolsistas Douglas Henrique Marangoni Frota Pinto e Valéria Adriana Lopes Sedenho e de estudantes voluntários, as crianças aprendem por meio de modelos construídos com materiais de baixo custo, como papel sulfite. Tais modelos foram pensados para estimular a intuição e a dedução de propriedades geométricas entre os estudantes da rede pública.

"Por exemplo, se queremos ensinar o teorema de Pitágoras, eles recebem 4 triângulos equiláteros e 3 quadrados de tamanhos diferentes. Ao movimentar as peças, devem enxergar as relações por si mesmos", esclarece a coordenadora.

Para divulgar essa metodologia, Rita, Maragoni e Valéria realizam oficinas pedagógicas com alunos e professores das Escolas Municipais Darcy Ribeiro, Luiz Jacob, Michel Pedro Sawaya, Paul Harris e Roberto Jorge. Além disso, as professoras da Escola Maria de Lourdes recebem auxílio durante as aulas de geometria.

Uma exposição com as atividades do projeto deverá ser montada no Ibilce, em novembro. Como continuidade das ações, o grupo pretende desenvolver um software que simulará os modelos montados pelas crianças com os materiais.

Daniel Patire

LITERATURA

Programa apresenta autores e suas obras

Poesia e prosa, transmitido pela Rádio UNESP FM, discute textos em língua portuguesa

Às terças e quintas-feiras, a Rádio UNESP FM (105,7 MHz), do campus de Bauru, transmite o programa *Poesia e Prosa*, nos horários de 7h30, 14 h e 20h30. Em seus sete minutos de duração, os ouvintes entram em contato com a vida de escritores de língua portuguesa e ouvem a narração de seus contos, crônicas, romances e poesias.

Por meio do programa, o professor de Rádiojornalismo João Batista Neto Chamadoira, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação Social (Faac), campus de Bauru, divulga os autores e textos literários mais significativos da literatura de Portugal e suas ex-colônias – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. "Como o rádio é um veículo que atinge facilmente seus receptores, é uma excelente ferramenta para divulgar o conhecimento da literatura àquelas pessoas que dificilmente têm acesso a ela", explica Chamadoira.

O programa, que intercala transmissões de poesias e textos em prosa, possui duas partes. Nos primeiros minutos, é feita uma apresentação da biografia de um autor, que tem suas principais obras enumeradas. O locutor do primeiro trecho é o próprio Chamadoira. Em seguida, um texto é lido por um aluno ou pela professora de Lite-



Chamadoira (esq.), Padovani e Neidy, durante transmissão

ratura Neidy Marly Carvalho. O programa termina com uma pequena análise da obra narrada.

Criada em 1999, a iniciativa transformou-se em projeto de divulgação científica em 2005. Em 2006, passou a integrar o Programa de Divulgação Científica Permanente "Ciência na UNESP", ligado à Vice-reitoria. Coordenado por Chamadoira, o projeto tem a participação de dois alunos bolsistas, Gustavo Padovani e Maysa Silva, do curso de Jornalismo.

Com o apoio de Neidy, o *Poesia e Prosa* promove também novos autores de Bauru.

O professor planeja, ainda, fazer um programa mensal especial, para transmitir entrevistas de professores de Literatura e escritores.

A Rádio UNESP FM pode ser ouvida também por meio do site www.radio.unesp.br (D.P.)

TECNOLOGIA

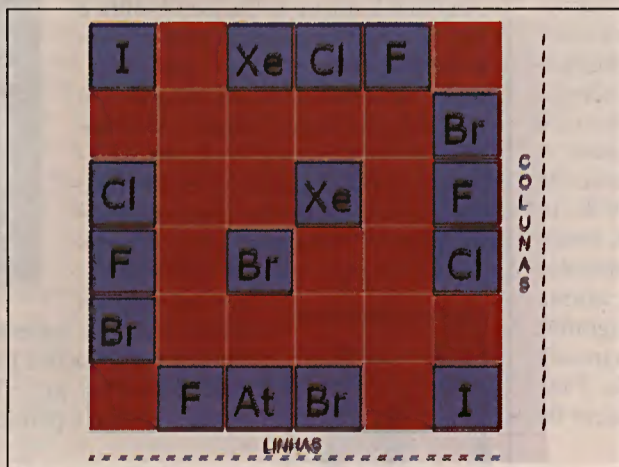
Centro lança 'Chemical Sudoku' na Internet

Jogo criado em Araraquara transmite conceitos de Química a alunos do ensino fundamental e médio

O Centro Multidisciplinar para o Desenvolvimento de Materiais Cerâmicos (CMDMC), dirigido pelo químico Elson Longo, docente do Instituto de Química (IQ), campus de Araraquara, lançou na Internet o "Chemical Sudoku", um jogo educativo destinado a transmitir conceitos de Química a alunos dos ensinos fundamental e médio. A divulgação ocorreu no dia 15 de setembro, na sede da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), durante a premiação da III Olimpíada de Matemática, Química e Física, evento também promovido pelo Centro.

Segundo Longo, o Chemical Sudoku, assim como a Olimpíada, é uma iniciativa para estimular o interesse de jovens pela ciência e tecnologia. "O jogo é um complemento de atividades que já conduzimos nas escolas, por meio da Olimpíada", diz. "Com auxílio dos recursos da Internet, esperamos abranger alunos de todo o País."

O jogo foi desenvolvido em parceria com a empresa Apor Software, formada por doutorandos em Ciências da Computação da USP e UFSCar, liderados por Thiago Jabur. O CMDMC reúne pesquisadores do IQ, da UFS-



Car, da USP-São Carlos e do Ipen (Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares) e integra o Programa Cepid (Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão) da Fapesp.

Raciocínio lógico

O Chemical Sudoku é uma versão educativa do milenar sudoku, jogo de origem japonesa que consiste em organizar em linhas e colunas, sem que haja repetições, os algarismos de 0 a 9. A proposta do CMDMC segue o mesmo princípio, porém, no lugar de números, o jogador terá de trabalhar com os elementos da Tabela Periódica. O jogo propõe diversos desafios, como, entre os mais básicos, associar as siglas aos seus elementos – H simboliza hidrogênio, por exemplo.

O brinquedo eletrônico foi programado para interagir com o estudante. Ao selecionar um determinado elemento químico, o computador pronuncia seu nome em português. O Chemical Sudoku traz um ranking de pontuação, elaborado a partir da soma dos melhores resultados. O tempo é um dos fatores que desafiam os jogadores. Quanto menos minutos forem utilizados para concluir o raciocínio, maior será a pontuação.

Acesse o Chemical Sudoku: www.cmdmc.com.br/sudoku Genira Chagas

MEDICINA VETERINÁRIA

Obstetrícia em animais

A obra reúne a experiência de Nereu Carlos Prestes e Fernanda da Cruz Landim-Alvarenga, docentes do Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), câmpus de Botucatu, na disciplina de Obstetrícia Veterinária. Eles exploram os principais assuntos da área, entre os quais fecundação e clivagem, líquidos fetais e sua constituição bioquímica, gestação e parto normal. O público-alvo da obra são alunos de graduação, pós-graduação e especialização, além de profissionais da Medicina Veterinária. Esquemas e fotos exemplificam o conteúdo, e ilustrações tornam o conjunto da obra didático. O livro integra uma série relacionada à Medicina Veterinária, editada por



Modelo Ipe

Roberto Calderon Gonçalves e Luiz Carlos Vulcano, docentes da FMVZ, com base na grade curricular da unidade. “O objetivo é o uso e consulta das obras em estudos para o desenvolvimento e o aprimoramento profissional”, diz Prestes.



Obstetrícia veterinária – Nereu Carlos Prestes e Fernanda da Cruz Landim-Alvarenga; série Medicina Veterinária, editores Roberto Calderon Gonçalves e Luiz Carlos Vulcano; Editora Guanabara Koogan; 272 páginas; R\$ 83,00. Informações: (21) 3970-9480; gbk@editoraguanabara.com.br e www.editoraguanabara.com.br



Logo da cidade em Gelmeroda, Lyonel Feininger

MODERNIDADE

Transformações urbanas

A compreensão da cidade contemporânea é o grande desafio deste livro. Organizada por Neide Marcondes e Manoel Bellotto, docentes aposentados da UNESP, a obra busca entender as megalópoles mundiais, estudando as suas numerosas configurações e distintos problemas. Os ensaios aqui reunidos tratam do Rio de Janeiro no período 1900-1959, de São Paulo das décadas de 1920-1940, dos elos entre a Cuzco quinhentista e a cidade cibernética do século XX, de mulheres paulistas nos séculos XVIII e XIX, de São Luís do Paraitinga, Buenos Aires, Japão, de migrações e cidadania européia, e da música sertaneja diante da urbanização. “As cidades não se estruturam apenas em função de seus planos urbanísticos e arquitetônicos. Guardam também segredos. É sobre essas questões e reflexões que se fundamentam os autores das monografias e ensaios que constituem a presente coletânea”, diz Belotto.



Cidades: histórias, mutações, desafios – Neide Marcondes e Manoel Bellotto (organizadores); Arte & Ciência; 280 páginas; R\$ 64,00. Informações: (11) 3284-8860 e www.arteciencia.com.br



Apresentação de intérpretes de cururu. Arquivo pessoal de Oscar F. S. Bueno

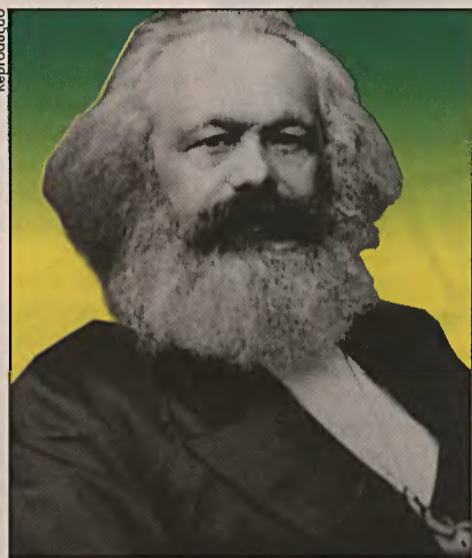
CULTURA POPULAR

Cururu paulista

Praticado na região do Vale do Médio Tietê, o cururu é o desafio cantado de forma improvisada e acompanhado por viola caipira. Este livro, escrito pelo jornalista Sérgio Santa Rosa, mestre em Comunicação Midiática pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, câmpus de Bauru, e assessor de imprensa da Faculdade de Ciências Agrônomicas, de Botucatu, está dividido em três partes. Na primeira, o autor apresenta as origens, modificações e panorama atual do cururu. A segunda reúne entrevistas de nove dos cantadores mais importantes da atualidade. E, na última parte, depoimentos traçam os perfis de 11 grandes mestres cururueiros já falecidos. “Entrevistei violeiros, festeiros, radialistas, folcloristas, familiares e, principalmente, os cantadores que mantêm viva a tradição do cururu”, afirma Santa Rosa. A obra, com mais de cem fotografias e prefácio escrito pela cantora e folclorista Inezita Barroso, foi desenvolvida com apoio do PAC (Programa de Ação Cultural) da Secretaria de Estado da Cultura.



Prosa de Cantador – a história e as histórias dos cururueiros paulistas – Sérgio Santa Rosa; Editora Fepaf; 288 páginas; R\$ 38,00. Informações: (14) 3882-6300 ou imprensa@fca.unesp.br



Reprodução

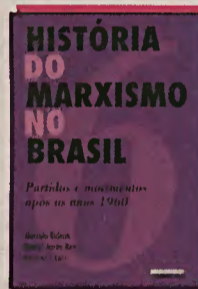
POLÍTICA

Trajetória marxista

O volume 6 desta coleção enfoca o marxismo dos anos 1960 aos dias atuais. A primeira parte, sobre partidos e organizações, reúne artigos sobre o Partido Comunista Brasileiro, como o ensaio “O PCB: do golpe de 1964 à dissolução”, de José Antonio Segatto, docente da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara, e Raimundo Santos. Há ainda textos sobre definições ideológicas e trajetória política do Partido Comunista do Brasil, esquerdas armadas dos anos 1960 e 1970, organizações e partidos trotskistas, e o Partido dos Trabalhadores (PT). A segunda parte trata de movimentos e agrupa artigos sobre as elaborações marxistas no exílio dos anos 1970, além da relação do marxismo com movimentos feministas e sindicais e com a Teologia da Libertação.

Apresenta, ainda, um balanço da presença atual das referências marxistas nos partidos políticos. “É possível a produção de novos livros que venham enriquecer ainda mais a coleção”, afirma Segatto.

História do marxismo no Brasil: partidos e movimentos após os anos 1960 – Organização: Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis; Volume 6; Editora Unicamp; 444 páginas; R\$ 60,00. Informações: http://www.editora.unicamp.br/



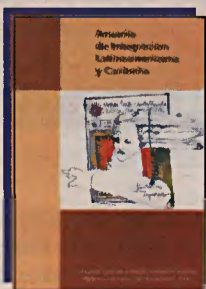
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Unidade latino-americana

Segundo o diretor da Auna (Associação para a Unidade de Nossa América, Cuba) e coordenador-geral da Redialc (Rede de Integração Regional da América Latina e Caribe), Carlos Oliva Campos, esta quinta edição do *Anuario de integración latinoamericana y caribeña* constitui uma síntese analítica sobre a integração entre a América Latina e o Caribe. A obra é dividida em três partes. A primeira trata de economia, política e política exterior. A segunda enfoca cultura e sociedade, educação, ciência e tecnologia e ambiente, e um anexo traz referências sobre documentos na Internet. Luis Fernando Ayerbe, docente da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara, escreve sobre anti-americanismo na América Latina, enquanto Alessandro Shimabukuro e Marcos Alan F. S. Ferreira, mestres em Relações Internacionais pelo Programa San Tiago Dantas, da UNESP, Unicamp e PUC-SP, e Paulo R. Pereira, doutorando em Ciência Política pela Unicamp, abordam a política dos Estados Unidos para o continente no período Bush.



Zapatistas, José Clemente Orozco



Anuario de integración latinoamericana y caribeña – Série Relações Internacionais e Mundo Contemporâneo, 4 – Laboratório Editorial; Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara; Redialc (Rede de Integração Regional da América Latina e Caribe); Auna (Associação para a Unidade de Nossa América, Cuba); 198 páginas. Informações: auna@auna.cult.cu



LITERATURA

Lobato, rebelde bem-humorado

Tese argumenta que escritor revolucionou produção infanto-juvenil ironizando valores da época

OSCAR D'AMBROSIO

Considerado um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX, Monteiro Lobato (1882-1948) é mais conhecido pelo conjunto educativo e bem-humorado de seus livros infantis, embora sua produção de romances e contos para adultos seja de inegável qualidade.

Nessa tese de doutorado, defendida em 2004 na Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis, e agora transformada em livro, Lia Cupertino Duarte Albino analisa a construção do humor nas obras infantis de Lobato e verifica como ele reinventa características do gênero. São considerados aspectos como narrador, linguagem, exploração dos recursos semânticos, nonsense, paródia, comparações inusitadas, ironia, comicidade da situação, inversão/subversão, uso do grotesco e personagens.

A autora destaca que Lobato usou o humor para transmitir mensagens críticas à sociedade de sua época, inclusive nas obras infantis. Para demonstrar a forma como o humor é construído, pesquisou 17 obras infanto-juvenis do escritor.

Na tese, sob orientação do docente Carlos Erivany Fantinati, Lia comprova que o fato de escrever para crianças não limita o trabalho de Lobato. Pelo contrário, ele encontra nesse público uma grande oportunidade de exercer recursos lingüísticos que estimulam o jovem leitor a desenvolver a percepção nas entrelinhas, num incentivo constante à reflexão crítica.



Ilustração de Manoel Victor Filho - Remoções de Narizinho

Nesse sentido, Lia afirma que a boneca Emília e as crianças, como Pedrinho e Narizinho, que participam do universo ficcional lobatiano são "subversivas", no sentido de discutir e questionar os valores impostos pela educação formal da época.

Professora de Língua Portuguesa e Literatura e diretora da Faculdade de Tecnologia de Ourinhos (Fatec), do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, Lia, que também atua como docente

nas Faculdades Integradas de Ourinhos, assinala que Lobato, embora não fosse modernista, como mostram suas severas críticas à pintura de Anita Malfatti, era moderno enquanto escritor.

A autora argumenta que, no início do século passado, a maior parte da literatura voltada

para jovens no País era composta de traduções de livros europeus. Nessas produções, caracterizadas por textos sérios e "educativos", repletos de sentimentalismo e exemplos a serem seguidos, a criança devia sempre obedecer e respeitar os pais.

Emília surge como a mais marcante ruptura, por meio do riso de um espírito rebelde. Inquieta por natureza, ela ilustra bem o modo como Lobato via o mundo. Está nela o poder de eclosão de um estranhamento que leva, por exemplo, a uma apropriação de personagens da cultura internacional (Esopo e La Fontaine) e contemporâneos de Lobato, como Tom Mix e o Gato Félix.

Lobato, como mostra Lia, busca "modificar a percepção de mundo e emancipar seus leitores". Por meio do humor, ele rompe com a tradicional postura pedagógico-conservadora e contribui decisivamente para a modernização da literatura infantil brasileira, consolidando um gênero que tem nele um de seus expoentes máximos.

Lobato humorista: a construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato - Lia Cupertino Duarte; Editora UNESP; 288 páginas; R\$ 40,00. Informações: www.editoraunesp.com.br ou telefone (11) 3242-7171.



SOCIOLOGIA

Disputa pela terra em Goiás

Obra discute movimento de posseiros na região de Formoso e Trombas, entre as décadas de 1950 e 1960

Em um movimento pouco conhecido da história brasileira, nos anos 1950, camponeses do interior de Goiás asseguraram, de armas nas mãos, seu direito à terra. O episódio teve como principal liderança José Porfírio de Souza, o Zé Porfírio, primeiro líder camponês a eleger-se deputado estadual em 1960, posteriormente cassado, preso pelo regime militar e depois dado como desaparecido.

O episódio motivou a dissertação de mestrado que deu origem ao livro *Aconteceu longe demais: a luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a Revolução Brasileira (1950-1964)*, de Paulo Ribeiro da Cunha.

Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, Cunha estuda o movimento, analisando a resistência à brutalidade de fazendeiros, grileiros e forças policiais. A região de Formoso e Trombas foi invadida duas vezes: a primeira, logo após o golpe de 1964, por tropas da polícia e do Exército; e a segunda, em 1971, pelo Exército.

O autor analisa não só a penetração do capitalismo no campo entre 1950 e 1964, mas a estratégia política e a questão agrária no período, a organização dos possei-

ros e a participação do PCB (Partido Comunista Brasileiro) na resistência. Ele retoma teses de Caio Prado Junior, Alberto Passos Guimarães e Nelson Werneck Sodrê, entre outros. Também problematiza os conceitos de "campepinato", "movimentos políticos" e "pré-políticos", valendo-se de teses de Eric Wolf e Eric Hobsbawm. Com base em Antonio Gramsci, o autor articula, ainda, noções de "partido político", "hegemonia" e "conselhos". Cunha baseia sua pesquisa em depoimentos de remanescentes do movimento e documentos do Partido.

Em síntese, o livro oferece elementos para se compreender a formação do movimento e seus desdobramentos, focando as ações políticas de indivíduos e instituições que têm como eixo a situação que, no final dos anos 1940, envolvia milhares de camponeses sem-terra.

A ocupação de Formoso e Trombas teve início com o fluxo desses camponeses para a região ao norte de Ceres, em razão da impossibilidade de a Colônia Agrícola Nacional de Goiás incorporar novos colonos. O quadro se alterou a partir de 1950. Com rumores de que por ali passaria uma estrada federal, que seria o embrião da Rodovia Belém-Brasília, al-



Ocupação de terras por camponeses sicilianos, Renato Gulluso

guns comerciantes e fazendeiros promoveram a deslegitimação das posses das terras por meio de grilagem.

Revoltados, os posseiros se uniram e resistiram. Entre 1950 e 1954, houve a tentativa de obter o registro das terras por mecanismos jurídicos, bem como pela mediação dos governos estadual e federal. Porém, o conflito se acirrou e, em 1954, na Batalha de Tataíra, os posseiros forçaram o recuo dos soldados enviados para a área. A tensão e as escaramuças continuaram até a invasão logo após o Golpe de 1964.

Cunha conclui que o projeto cooperativo na região, se não houvesse sido interrompido, pro-

avelmente apontaria para "superar os contornos em relação à individualidade do camponês e à ausência de um projeto estratégico nacional". Por isso, o estudo dos eventos em Formoso e Trombas ganha relevância, possibilitando entender melhor os caminhos do PCB e a possibilidade da construção de uma nova história nacional.

(O.D.)

Aconteceu longe demais: a luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a Revolução Brasileira (1950-1964) - Paulo Ribeiro da Cunha; Editora UNESP; 308 páginas; R\$ 42,00. Informações: (11) 3242-7171 ou www.editoraunesp.com.br



CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO

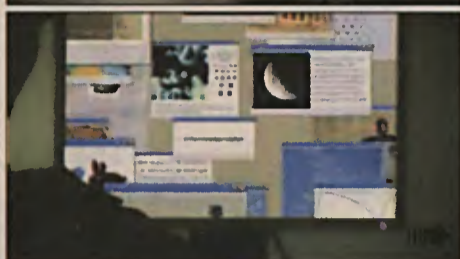
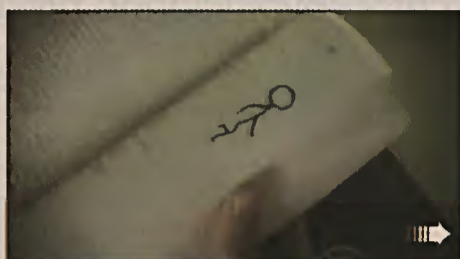
Filme obtém 3º lugar em disputa da Microsoft

Equipe de Bauru chega à fase final de competição mundial com produção que usa técnica de animação

Alunos da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), orientados pelo docente Eduardo Morgado, da Faculdade de Ciências (FC), campus de Bauru, conquistaram o terceiro lugar na Imagine Cup 2007, competição mundial promovida pela Microsoft para estudantes de cursos de Ciências da Computação.

Concorrendo na categoria Filme de Curta Metragem, os universitários, que integram a equipe Papa-paçoça, deveriam trabalhar o tema "Imagine um mundo onde a tecnologia ajudasse a levar a educação para todos", proposto pela organização.

Os estudantes do curso de Desenho Industrial Felipe Pellisser, Artur Pádua, Alexandre Nacari, e de Rádio e TV Wendel Yokoyama, passaram para a última etapa da competição com um filme produzido em sistema digital, com 15 minutos de duração, que brinca com a idéia de integração. O curta começa com um garoto lendo um livro e acaba com o mesmo personagem acessando a Internet. "Durante o filme, as



Criação do grupo da Faac enfatiza que tudo está interligado no campo do conhecimento

imagens vão se transformando para dar a idéia de que tudo na área do conhecimento está interligado", conta Pellisser. A equipe foi a única que utilizou técnicas de animação dentre as classificadas para a final.

Na última etapa, disputada em Seul (Coréia do Sul) no dia 11 de agosto, os concorrentes foram desafiados a produzir um filme com outra temática, num período de 36 horas. "Nessa etapa, o que estava

em julgamento era a capacidade de criar em tempo reduzido e sob pressão constante", destaca Pellisser. "Ver o empenho dos alunos é muito gratificante", assinala Morgado, coordenador do Laboratório de Tecnologia de Informação Aplicada (LTIA), da FC, onde os estudantes da FAAC fazem estágio.

Neste ano, 344 estudantes de todo o mundo foram selecionados para participar das finais da competição, nas categorias Projeto de Software, Desenvolvimento Web, Algoritmo, Desafio de Infra-Estrutura, Fotografia, Filme de Curta Metragem, Interface Visual, Projeto Hoshimi (games) e Sistemas Embarcados. Nessa última categoria, duas equipes da FC foram classificadas entre as 15 melhores do mundo.

Assista à produção no endereço <http://danielfs.wordpress.com/2007/08/11/conheca-os-projetos-vencedores-da-imagine-cup-2007/>

Luana Nascimento de Almeida, bolsista UNESP/Universia/FAAC/Bauru

MATEMÁTICA

Aluno elabora hipótese sobre enigma de Riemann

Jovem já apresentou sua interpretação em eventos realizados este ano nos EUA e Itália

A partir de outra interpretação do enigma de Riemann, o estudante Julio Cesar Bueno de Andrade, do curso de graduação em Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), campus de Rio Claro, participou de três eventos internacionais relacionados ao tema. Andrade apresentou seu trabalho na Conferência sobre Teoria Analítica de Números, em Trieste, na Itália, em abril; no Festival sobre Teoria dos Números de Illinois, nos Estados Unidos, em maio; e nos programas de verão da Universidade de Princeton, em Salt Lake City, também nos EUA, em julho. Para realizar suas viagens, o aluno teve apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa (Prope).

Com a orientação dos docentes Stavros Christodoulou e Rômulo Campos Lins, Andrade sugere uma outra formulação para a chamada Função Zeta de Riemann e para a distribuição de seus zeros não-triviais. "Propoño um interpretação física para a hipótese de Riemann, um problema de Matemática



Andrade (dir.) com o matemático Enrico Bombieri

pura que ainda está em aberto", afirma. "Mesmo o problema já tendo sido mencionado por outros matemáticos, consegui obter um resultado interessante, dando uma outra formulação para ele", explica.

Em Trieste, o estudante participou de um curso e apresentou uma minipalestra.

"Também assisti a palestras de professores ilustres como Enrico Bombieri, um dos maiores matemáticos vivos", comenta.

Em Illinois, Andrade discutiu sua pesquisa, que foi publicada nos anais do evento. "Além disso, pude assistir a palestras na área de Teoria dos Números, com renomados professores como Carl Pomerance, Harold Diamond, John Friedlander e Kannan Soundararajan", relata.

A hipótese de Riemann foi publicada pela primeira vez em 1859 pelo matemático alemão Bernhard Riemann (1826-1866). Há mais de 150 anos essa hipótese sobre os números primos intriga matemáticos de todo o mundo.

Julio Zanella

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Grupo integra Universidade de Verão de Gandía

Treze estudantes e dois docentes participaram de atividades na Espanha

Pela quarta vez, a UNESP integrou a Universidade de Verão de Gandía (UEG), que ocorreu em julho, na Espanha. Uma delegação de 13 estudantes de graduação de Relações Internacionais (RI) e dois professores da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), campus de Franca, participaram do evento, que registrou sua 24ª edição.

O intercâmbio se intensificou após convênio celebrado entre a UV (Universidade de Valência), à qual a UEG está ligada, e a UNESP, em 2003. "Estamos formulando novas iniciativas e aprofundando as relações entre as instituições em direção ao grande projeto da UIG (Universidade Internacional de Gandía)", conta Alberto Aggio, docente de Franca.

Segundo Aggio, esse intercâmbio abre a perspectiva de consolidar a presença da UNESP na UEG como um estágio anual. "Isso significa, portanto, definir as próximas edições da UEG como um projeto permanen-



Para Aggio (sentado, de calça clara), intercâmbio abre perspectiva de criação de estágio anual

te de atividades do curso de RI da UNESP/Franca", enfatiza o professor de História Contemporânea do curso de RI.

Outra iniciativa em estudo é a criação de uma disciplina optativa na grade curricular de graduação do curso de RI da UNESP/Franca, ministrada a distância por docentes da UV. "Também seria importante avançar as discussões em torno de um projeto do estabelecimento na UIG de um Centro de Língua e Cultura Brasileira.", diz Aggio.



EVENTOS

Congresso de Iniciação Científica

O XIX Congresso de Iniciação Científica da UNESP ocorrerá em quatro unidades universitárias: FCL/Araraquara (Humanas), Botucatu (Biológicas), FE/Ilha Solteira (Agrárias) e FCT/Presidente Prudente (Exatas). O Congresso destina-se a alunos de graduação que tenham orientadores vinculados à UNESP e que desenvolvam ou tenham desenvolvido pesquisas sob a orientação de um ou mais docentes. Não é necessário ser bolsista para participar do Congresso, que ocorrerá de acordo com o quadro abaixo:

Área	Data	Local
Exatas	22 e 23/10	FCT/Presidente Prudente
Agrárias	22 e 23/10	FE/Ilha Solteira
Ciências da Vida	24 e 25/10	Botucatu
Humanas	25 a 27/10	FCL/Araraquara

8/10 – Último dia para envio de resumos expandidos para o 3º Encontro de Segurança Pública e Cidadania: violência e políticas públicas de segurança: pesquisa e ação, a ser realizado de 20 a 22 de novembro no Sun Valley Park Hotel e Anfiteatro I da FFC, Marília. Informações: saepe@marilia.unesp.br

8 a 10/10 – **Jaboticabal**. Semana do Agrônomo. Informações: diretor@fcav.unesp.br

8 a 11/10 – **Araraquara**. VII Seminário de Pesquisa – Colóquio Internacional. Comemoração dos 30 anos do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Na FCL. Informações: (16) 3301-6212 ou (16) 3301-6242, www.fclar.unesp.br ou spg@fclar.unesp.br

8 a 11/10 – **Campo Grande**. XVI Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical e Congresso Regional da ISME (Sociedade Internacional pela Educação Musical) na América Latina. Na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Informações: (67) 3345-7591/7590, abem_ufms@yahoo.com.br e www.abemisme2007.ufms.br

11/10 – **Araraquara**. Comemoração do Cinquentenário de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. No Anfiteatro A da FCL. 15 h – Apresentação musical Grupo Universons. 15h30 – Encontro de gerações 1987 a 1996. Informações: mauricio@fclar.unesp.br

14/10 – **São Paulo**. Data limite para o cadastro de resumos para o Simpósio Intercâmbio Brasil-Japão em Economia, Ciência e Inovação Tecnológica. Informações: (11) 3871-3626 ou sbpn2008@acquacon.com.br

15/10 – Término das inscrições para o concurso cultural Prêmio Criatividade no Combate à Pirataria. Informações: www.atitudeoriginal.com.br

15 a 19/10 – **Botucatu**. Simpósio de Glyphosate. Dia 15, começa às 14 h. Nos demais dias será das 8 h às 18 h. No Auditório da FCA. Informações: Eventos – FEPAF Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais: (14) 3882-6300 / (14) 3882-7373.

16 a 18/10 – 4º Congresso de Extensão Universitária da UNESP. Organização: Proex. Informações: smarasco@reitoria.unesp.br

17/10 – **Araraquara**. Solenidades em Comemoração aos 50 anos de criação da FCL. Encontro de Gerações – 1996 a 2007 e Inauguração da Galeria de Fotos dos Diretores e Vice-Diretores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (FFCLA), do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação (ILCSE) e da Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Na Faculdade de Ciências e Letras (Anfiteatro A). Informações: negrini@fclar.unesp.br

17 e 18/10 – **Santa Fé (Argentina)**. 4º Seminário Internacional de Ciência e Tecnologia em América Latina. Na Universidade Nacional do Litoral. Informações: www.unl.edu.ar e cuartoseminario@unl.edu.ar

18 a 20/09 – **São Paulo**. Curso Atendimento em livrarias: as bases para um bom trabalho, com Aldo Bochini Neto. Das 18 h às 21 h. Na Universidade do Livro. Na Praça da Sé, 108. Informações: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

25 a 28/09 – **São Paulo**. Curso Literatura juvenil: o desafio de se conquistar um mercado cobiçado, com Carmen Lucia Campos. Das 18 h às 21 h. Na Universidade do Livro. Na Praça da Sé, 108. Informações: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

19/10 – **São Paulo**. Palestra Da Internet ao GRIS: a globalização do processamento, de Sérgio Ferraz Novaes (IFT). Projeto Física ao Entardecer. Às 18h30, no Auditório do Instituto de Física Teórica. Rua Pamplona, 145. Informações: (11) 3177-9029 ou www.ift.unesp.br

22 e 23/10 – **Presidente Prudente**. Congresso de Iniciação Científica. Área Exatas. Informações: (11) 5627-0313, prope@reitoria.unesp.br e www.unesp.br/prope

22 a 26/10 – **Araçatuba**. VII Semana de Divulgação Científica do Curso de Graduação em Medicina Veterinária e I Semana de Divulgação Científica do Curso de Pós-Graduação em Ciência Animal da UNESP, Câmpus de Araçatuba. Informações: criscar@fmva.unesp.br

22 a 26/10 – **Jaboticabal**. JA8U (Jornada de Biologia). Informações: diretor@fcav.unesp.br

23 e 24/10 – **Botucatu**. Congresso de Iniciação Científica. Na FCA. Informações: dta@fca.unesp.br

23 e 24/10 – **Ilha Solteira**. Congresso de Iniciação Científica. Área Agrárias. Informações: (11) 5627-0313, prope@reitoria.unesp.br e www.unesp.br/prope

24 e 25/10 – **Botucatu**. Congresso de Iniciação Científica. Área Ciências da Vida. Informações: (11) 5627-0313, prope@reitoria.unesp.br e www.unesp.br/prope

24 a 27/10 – **Araraquara**. Congresso de Educação Infantil: da condição de direito à condição de qualidade do atendimento. Na FCL. Informações: www.fclar.unesp.br/br/cei, educacaoinfantil@fclar.unesp.br e (16) 3301-6244.

25 a 26/10 – **Botucatu**. Wokshop sobre nutrigenômica: implicações da integração gene/dieta. Das 8 h às 18 h. No Auditório da FCA. Informações: Eventos – FEPAF Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais: (14) 3882-6300 / (14) 3882-7373.

25, 26 e 27/10 – **Araraquara**. Congresso de Iniciação Científica. Área Humanas. Informações: (11) 5627-0313, prope@reitoria.unesp.br e www.unesp.br/prope

27 a 31/10 – **São Pedro**. X Congresso Paulista de Saúde Pública. Informações: www.xcpsp.fmb.unesp.br

ERRAMOS

- 1) Ao contrário do publicado na seção Leitura Dinâmica, na página 10 da edição nº 226, setembro/2007, o texto "Psicologia" é de autoria de Sária Cristina Nogueira, bolsista UNESP/Uniersia/FC/Bauru.
- 2) A reportagem "Equipe integra Rondon no Amapá", publicada na pág. 14 do *Jornal UNESP* nº 226, apresentou uma imagem da equipe que embarcou para o município de Muribeca, em Sergipe, como se fosse a do grupo que foi para Mazagão, no Amapá.
- 3) Na edição nº 227 do *Jornal UNESP*, no texto *A inquisição e o sexo no Brasil*, foi publicada uma declaração atribuída incorretamente ao professor Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Onde se lê "Para a Igreja, contudo, nenhuma dessas atitudes era mais criminosa do que considerar a condição dos homens casados superior à dos sacerdotes. Isto se explica porque, para a inquisição, o estado natural do homem deveria ser o celibato, lembra Renne", a frase correta deve ser "Uma das atitudes que a Igreja não aceitava e considerava delito passível de punição era o fiel achar a condição dos homens casados superior à condição de sacerdócio".

SEMINÁRIO

Encontro discute biblioteca digital

Reunião internacional abordou temas como convergência de mídias

Entre os dias 18 e 20 de setembro, foi realizado no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, o Seminário Internacional de Bibliotecas Digitais. O evento, aberto pelo reitor Marcos Macari, foi promovido pelo Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas).

Abel Packer, diretor do Centro Especializado da Opas (Organização Pan-Americana da Saúde), proferiu a palestra de abertura, com o tema "A Biblioteca de cada um". Também foram abordados no evento o acesso à informação e inclusão social, convergência de mídias digitais, gestão em bibliotecas digitais, usuários das bibliotecas digitais, profissionais das bibliotecas digitais, repositórios institucionais e tecnologia aplicada a bibliotecas digitais.

Estiveram presentes a coordenadora da Coordenadoria Geral de Bibliotecas da UNESP, Margaret Alves Antunes; a diretora técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, Adriana Cybele Ferrari; e o coordenador do Sistema de Bibliotecas da Unicamp, Luiz Atílio Vicentini.

Daniilo Koga



Vicentini, Adriana e Margaret (da esq. para a dir.), no evento

ARTES

Grupos de pesquisa discutem dança

Evento atraiu estudiosos da expressão corporal de todo o País

O Programa de Pós-Graduação em Dança do Instituto de Artes (IA) promoveu, nos dias 14 e 15 de setembro, o Encontro Nacional dos Grupos de Pesquisa em Dança (Engrupedança). Segundo a organizadora, Kathya Maria Ayres de Godoy, docente do IA, foram reunidos especialistas e equipes de todo o País cadastrados no CNPq. O evento ocorreu na Reitoria e no câmpus do IA, ambos em São Paulo (SP).

"Nosso evento é multidisciplinar e atrai estudiosos da expressão corporal com origem nas artes, educação física, pedagogia, biologia e outras áreas do conhecimento", comenta Kathya. Além de discussões, houve apresentações de grupos.

VESTIBULAR

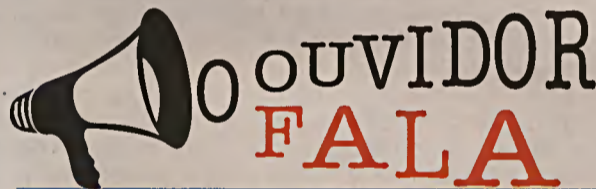
Núcleo de Assis orienta candidatos

Serviço de Psicologia busca tranquilizar jovens sobre exames

O Núcleo de Orientação Profissional, ligado ao curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, está oferecendo, até o dia 26 de outubro, atendimentos on-line, pelo MSN, para estudantes que vão prestar vestibular. Supervisionado pelo psicólogo Paulo Motta, o serviço conta com o auxílio de nove alunos do último ano de Psicologia.

Segundo Motta, os jovens chegam ao vestibular com uma infinidade de dúvidas. "Esse serviço pretende tranquilizar o estudante e mostrar que o vestibular é apenas uma etapa da vida acadêmica", afirma. Em 2006, foram atendidos mais de 400 estudantes.

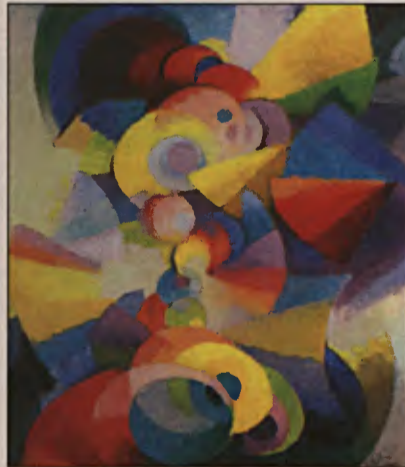
Endereço no MSN: orientacaovoc@hotmail.com



Desenvolvimento e missão da Universidade

JOSÉ RIBEIRO JUNIOR

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UNESP, para vigor entre 2007 e 2011, tem sido arduamente trabalhado pelos órgãos representativos centrais da comunidade unespiana (Conselhos e Câmaras). Respeitadas suas deliberações, portaria de 2 de março do corrente designou os membros integrantes, sob a presidência do vice-reitor Herman, para levar a termo a elaboração desse processo que propicia a oportunidade de reformulações em toda nossa universidade. Espera-se que a participação do corpo discente se efetive – há empenho oficial nesse sentido – e se alcancem os objetivos oferecidos



Sincronia de idéias, Stanton MacDonald-Wright

pelo ensejo de repensar a UNESP. Uma agenda prevê sua finalização nos próximos meses. O Plano deverá valer para cinco anos e se inscreve nas determinações da Lei 10.861 do Ministério da Educação, que estabelece o Sinaes (Sistema de Avaliação da Educação Superior). São dados eixos temáticos, mas há uma grande franja para cada universidade definir seu perfil e organização didático-pedagógica, de pesquisa e extensão. As novas realidades dos últimos anos devem encontrar respostas em novas formulações e desdobramentos que levarão, certamente, a mudanças estatutárias e regimentais. Quem se interessar pelos princípios e outros detalhes já conclusos pode acessar o Portal UNESP.

Chama-nos a atenção, pela sua importância definidora, a Missão da Universidade: "Desenvolver ensino, pesquisa e extensão, com espírito crítico e livre, orientados

por princípios éticos e humanísticos, promovendo a formação profissional comprometida com a qualidade de vida, a inovação tecnológica, o desenvolvimento sustentável e a participação democrática na sociedade. Na articulação entre o local e o universal, gerar, difundir e fomentar o conhecimento, contribuindo para a superação de desigualdades e para o exercício pleno da cidadania". Essa irrepreensível definição merece ser ampla e constantemente divulgada entre a comunidade cidadã da UNESP e da sociedade. Os beneficiários da universidade pública têm o direito de ver preservado cada um

dos conceitos fundamentais contidos no enunciado. O ensino, principalmente na graduação, é a tarefa básica para preparar o estudante para conhecer e aprender a gerar conhecimento por meio da pesquisa e dessa forma atuar no seu mercado de trabalho com vistas à melhoria não só de sua qualidade de vida, mas oferecendo sua contribuição à sociedade. Essa é, a nosso ver, a parte primordial da extensão. O pleno exercício da cidadania, de forma consciente e crítica, sintetiza a Missão da Universidade. A séria empreitada dos grupos de trabalho não terá o sentido e o futuro renovador almejados sem priorizar a cultura da cidadania, que é, aliás, enfatizada pelo Reitor no *Guia de Profissões* (pág. 16) aos vestibulandos da UNESP.

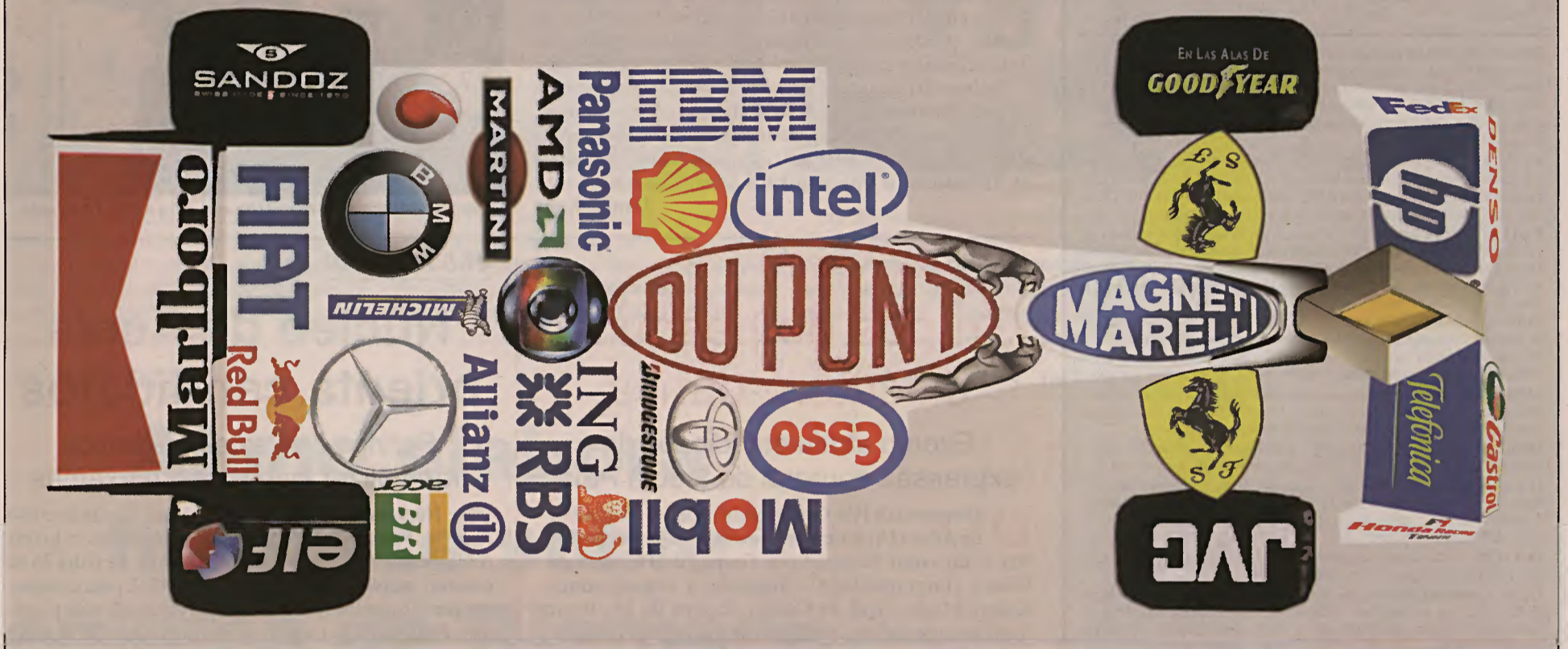
Aguardamos os resultados finais do PDI com otimismo.



ESPORTE

Fórmula 1

Globalização acelerada



Com patrocinadores, equipes e pilotos de vários países, modalidade ilustra fase atual do capitalismo

O ronco dos motores dos carros de Fórmula 1 (F-1) no circuito de Interlagos, em São Paulo (SP), em outubro, representa muito mais que a etapa final do campeonato da modalidade. Para a socióloga Andréa Midori Takai, o público estará assistindo a outro evento de uma das primeiras manifestações da globalização econômica, com amplo diálogo entre construtores de automóveis, fornecedores de peças, patrocinadores e pilotos de todo o mundo.

Na sua dissertação de mestrado, *Antecedentes da globalização: o caso da Fórmula 1*, Andréa estuda como esse esporte exemplifica a sociedade capitalista. Para ela, a F-1, que viaja por até 18 países durante um campeonato e movimenta, somente em orçamento das equipes, mais de US\$ 2 bilhões anuais, evidencia as relações de mercado e consumo globais.

Essa categoria esportiva tem um impressionante poder de visibilidade. Em média, são 1.416 horas de programação anual na TV e mais de 500 milhões de telespectadores por corrida. Durante o ano, são aproximadamente 53 bilhões de telespectadores em 195 países. “É o terceiro evento com maior audiência, ficando atrás somente das Olimpíadas e da Copa do Mundo de Futebol”, explica Andréa. “Portanto, o patrocinador tem exposição exaustiva ao redor do mundo.”

Em sua dissertação, a pesquisadora discute inicialmente o próprio conceito de globalização, que tem como paradigma o colapso do bloco socialista e o conseqüente fim da Guerra Fria (que durou de 1945 a 1991), mas apresenta como antecedentes o domínio capitalista com a estagnação econômica da URSS (a partir de 1975) e o próprio fim da Segunda Guerra Mundial (1945).

Fenômeno pioneiro

São, assim, estabelecidas algumas características da globalização: homogeneização dos centros urbanos, expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideol-

História do esporte

Devido ao avanço tecnológico, a socióloga Andréa Midori Takai divide a F-1 em três períodos: de 1950 a 1967, com o seu surgimento e romantismo transitório; de 1968 a 1994, marcado pela crescente comercialização esportiva e a aplicação tecnológica; e de 1995 até os dias atuais, quando a F-1 se transformou em grande negócio esportivo.

A pesquisadora lembra que a categoria teve origem como um esporte de garagem, ou seja, com montagem dos carros dentro de pequenas oficinas. Posteriormente, essa atividade migrou para as montadoras, mas ainda de modo restrito, pois poucas fábricas forneciam motores para várias equipes. “Grandes montadoras associaram-se às equipes técnicas para um melhor desenvolvimento tanto de motores quanto de chassis, transformando a F-1 num espaço de manifestação tecnológica de concorrência entre essas empresas”, explica Andréa.

A F-1, para a socióloga, é um esporte que foi apropriado pelas firmas e instituições para o desenvolvimento de seus interesses. “As características capitalistas não estavam nítidas até 1970, quando, com o dirigente Bernie Ecclestone, o esporte foi transformado num negócio lucrativo que possibilitava o desenvolvimento do capital em geral, transcendendo mercados e fronteiras, regimes políticos e projetos nacionais, regionalismos e geopolíticas, culturas e civilizações”, diz. “Transformou-se, portanto, num negócio global, articulando os mais diversos subsistemas econômicos nacionais e regionais, os mais distintos projetos nacionais de organização social e técnica do trabalho.” (O.D.)

lógicos), hibridização entre culturas populares locais e uma cultura de massa universal.

Para a pesquisadora, que apresentou seu trabalho no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara, com orientação do docente Sérgio Gertel, a F-1 representa um antecedente da globalização por possuir características dos conglomerados econômicos, antes mesmo que esses fossem formados.

“A diversidade das nações é a base de sustentação desse esporte, do mesmo modo que as negociações capitalistas que ocorrem atualmente”, esclarece. “Além disso, a F-1 é historicamente um laboratório, que não se restringe às inovações mecânicas, mas se amplia para pesquisa, desenvolvimento e teste de inovações em tecnologia informacional, microeletrônica e de equipamentos de segurança.” (Veja quadro.)

Ao longo da história, de acordo com Andréa, a F-1 cumpriu de forma estupenda a sua função de laboratório do automóvel, pois câmbio automático, suspensão ativa, controle de tração, fibra de carbono, freio a disco, suspensão independente, injeção de combustível e tur-

bocompressor, entre outros equipamentos desenvolvidos na categoria, estão hoje presentes em vários veículos convencionais.

Conceito de espaço

Uma dificuldade para o trabalho de Andréa foi o fato de a F-1 não ser um objeto pesquisado na Sociologia. “Trabalhei com os seus aspectos econômicos e sociais. Estudei a sua estrutura, diversidade de participantes e as negociações existentes no esporte. Verifiquei ainda a importância da tecnologia, relacionada à publicidade que envolve a F-1, juntamente com a informação, a comunicação e a ciência que foram apropriadas e desenvolvidas no esporte.”

Para melhor analisar a F-1, Andréa se valeu dos estudos do geógrafo Milton Santos, que divide um espaço a ser estudado em diversos elementos: firmas, instituições e infra-estruturas. “Os homens da categoria são pilotos, construtores, capitalistas e dirigentes. As firmas são as equipes e as empresas direta e indiretamente ligadas ao esporte. As instituições são as federações de automobilismo, de pilotos, de construtores e os organizadores em geral. As cidades ou países que recebem a categoria fazem parte da infra-estrutura do evento”, explica.

A F-1 é vista na dissertação como antecedente da globalização não só como fenômeno baseado na diversidade de países, mas como exemplo do predomínio econômico dos mais desenvolvidos. “O esporte se estruturou neles e posteriormente se expandiu aos subdesenvolvidos, como México, Brasil, África do Sul e Argentina, para inseri-los no processo de um evento global”, avalia a pesquisadora. “Países como Turquia, China, Bahrein e Malásia são hoje encarados como lugares estratégicos para a divulgação dos produtos dos patrocinadores.”

O esporte reúne empresas de alta tecnologia que precisam divulgar seus produtos, enquanto os países que são sedes de cada etapa querem desfrutar dessa tecnologia. “A F-1 é um laboratório do capital que transcende divisões, antes, supostamente bem demarcadas” conclui a pesquisadora. “As fronteiras territoriais, humanas e tecnológicas foram dissipadas.”

Oscar D’Ambrosio